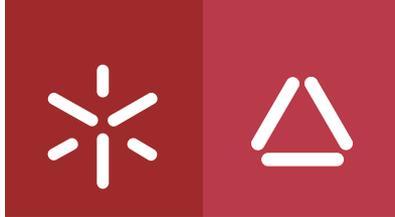


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Filipa Andreia Lopes Ferreira Soares

**«Jornalismo de Secretária»: Reproduzir as
Notícias dos Outros
O Caso dos Media Internacionais**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Filipa Andreia Lopes Ferreira Soares

**«Jornalismo de Secretária»: Reproduzir as
Notícias dos Outros
O Caso dos Media Internacionais**

Relatório de actividade profissional
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Sandra Marinho

Outubro de 2012

Filipa Andreia Lopes Ferreira Soares

«Jornalismo de Secretária»: Reproduzir as Notícias dos Outros

O Caso dos Media Internacionais

Relatório de actividade profissional

Mestrado em Ciências da Comunicação

Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Sandra Marinho

Outubro de 2012

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

À Prof^a. Doutora Sandra Marinho pelas orientações que me deu durante a elaboração deste relatório de actividade profissional.

Aos antigos e actuais colegas, jornalistas, que tiveram a amabilidade de partilhar as suas experiências e práticas, bem como as suas visões sobre o «jornalismo de secretária», respondendo às perguntas que lhes coloquei na fase de investigação.

Resumo

«Jornalismo de Secretária»: Reproduzir as Notícias dos Outros?

Catorze anos de experiência enquanto jornalista levantam diversas questões merecedoras de uma reflexão crítica. É o que tenta fazer este relatório de actividade profissional, confrontando a prática jornalística com os ensinamentos adquiridos na Licenciatura em Comunicação Social.

Depois de uma descrição do meu percurso profissional, são exploradas as principais dificuldades sentidas nesse caminho: a falta de meios físicos e humanos, a dependência dos assessores de imprensa e as pressões sofridas nos órgãos regionais; a recusa de ser uma espécie de relações públicas de um clube de futebol em vez de jornalista num diário desportivo; a febre dos directos nas televisões; e a dependência das agências de notícias nos meios internacionais.

Traçado este cenário, é lançada uma questão: «Será que o “jornalismo de secretária” nos media internacionais está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros?»

Os estudos apresentados no enquadramento teórico mostram-nos que sim, que os media dependem das relações públicas e das agências noticiosas, cujo material chegam a publicar sem qualquer tipo de edição ou confirmação. Os casos retirados da minha experiência profissional e os resultados do inquérito a que foram submetidos 62 jornalistas reforçam a resposta.

Quase todos os profissionais recorrem às agências noticiosas e à Internet para escrever as notícias, mas apenas um terço dos inquiridos usa o telefone para procurar informação. Cerca de 63% dizem confirmar as informações provenientes destas e de outras fontes, mas quando lhes é pedido que expliquem como efectuam a confirmação, a maioria refere que apenas cruza os dados com outras fontes secundárias.

A falta de verificação ou a dificuldade em confirmar a informação é, aliás, o principal problema identificado pelos «jornalistas de secretária».

A maioria dos inquiridos (51,6%) considera que é jornalismo escrever notícias baseadas em informações provenientes de agências noticiosas, outros media, gabinetes de comunicação e/ou Internet, sem as confirmar. Quase 18% não conseguem assumir uma posição neste debate.

Abstract

«Desk Journalism»: Reproducing Others' Stories

Fourteen years of experience as a journalist raise several questions worthy of critical reflection. This professional activity report tries to do it, confronting the journalism practice with the knowledge acquired in my degree in Social Communication.

After a description of my professional career and the companies where I worked or was an intern, I explore the main difficulties of that path: the lack of human and physical resources, the dependence on press officers and the pressures suffered in the regional media; the refusal to be a kind of a football club's public relations officer rather than a journalist in a sports daily; the live-fever on TV; and the dependence on news agencies in the international media.

From all these issues, this report tries to answer the initial question: «Is “desk journalism” in international media being reduced merely to the reproduction of others' stories?». The studies presented in the theoretical framework show a media dependency on press releases and news agencies, whose material they re-publish even without editing or confirmation of authenticity. Cases drawn from my professional experience and the results of the questionnaire answered by 62 journalists reinforce the answer.

Almost all professionals use news agencies and the Internet to write their stories, but only a third of the respondents use the phone to look for information. About 63% say they confirm the information from these and other sources, but when they are asked about the way they do it, the majority explain that they only cross-check with other secondary sources. Those who do not confirm justify their behavior, mainly, with the “reliability of the sources” or “lack of time”.

The lack of verification or the difficulties in confirming information are the main problems cited by the journalists. Next come the physical distance from the story itself and the limitations of the information available.

The majority of the respondents (51,6%) consider that it's journalism to write news based on information taken from news agencies, other media, communications offices and/or Internet without confirming it. Almost 18% can't assume a position in this debate.

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Sexo dos inquiridos.....	34
Tabela 2 – Idade dos inquiridos	35
Tabela 3 – Nacionalidade dos inquiridos	35
Tabela 4 – Habilitações Literárias dos inquiridos.....	36
Tabela 5 - Fontes utilizadas pelos jornalistas.....	37
Tabela 6 – Formas utilizadas para confirmar as informações.....	38
Tabela 7 – Razões para não confirmar as informações.....	39
Tabela 8 – Sítios da Internet consultados pelos inquiridos.....	40
Tabela 9 – Casos em que os inquiridos recorrem às redes sociais	41
Tabela 10 – Dificuldades sentidas pelos «jornalistas de secretária»	42

Índice

Introdução.....	1
1. Experiência profissional	2
1.1 Breve descrição do percurso profissional	2
1.2 Apresentação das empresas	5
1.2.1 Rádio Clube de Penafiel	5
1.2.2 RTP.....	6
1.2.3 <i>A Bola</i>	7
1.2.4 <i>NOVAS do Vale do Sousa</i>	7
1.2.5 <i>Margem Douro</i> e Rádio Montemuro	8
1.2.6 <i>O Jogo</i>	9
1.2.7 <i>SBS Radio</i>	9
1.2.8 <i>Euronews</i>	10
1.2.9 <i>Swissinfo</i>	11
1.3 Reflexão crítica sobre a experiência profissional.....	12
1.3.1 Órgãos regionais.....	12
1.3.2 Órgãos nacionais	15
1.3.3 Órgãos internacionais	17
2. «Jornalismo de secretária»	20
2.1 Enquadramento e fundamentação teórica.....	20
2.2 O «jornalismo de secretária» na minha experiência profissional.....	26
2.3 Testemunhos de outros jornalistas.....	32
2.3.1 Metodologia	32

2.3.2 Resultados	34
Conclusão	49
Síntese	49
Reflexão.....	51
Contribuições e limites.....	52
Sugestões para futuras pesquisas	53
Bibliografia	55
Anexos	59
Anexo I.....	61
Anexo II.....	65
Anexo III.....	69
Anexo IV	73
Anexo V	81
Anexo VI	87
Anexo VII	93
Anexo VIII	103
Anexo IX.....	107
Anexo X.....	111
Anexo XI.....	121

Introdução

Quando me candidatei ao Mestrado em Ciências da Comunicação, procurava um espaço para reflectir, de uma forma mais aprofundada, sobre questões pertinentes da área da Informação e Jornalismo. Interessou-me, por isso, a possibilidade de redigir um relatório de actividade profissional, que passasse em revista, num tom crítico, o meu percurso, confrontando-o com a aprendizagem proporcionada pela Licenciatura em Comunicação Social.

Numa primeira fase efectuei uma descrição da minha experiência profissional, apresentando as empresas por onde passei e levantando algumas das questões que mais me inquietaram.

Apesar de todos os problemas que irei abordar me parecerem relevantes e preocupantes, decidi explorar, numa segunda fase, a seguinte questão inicial: «Será que o “jornalismo de secretária” nos media internacionais está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros?».

A resposta vai ser dada através da apresentação de estudos de vários autores, no enquadramento teórico, que serão depois complementados por casos retirados da minha experiência profissional e pelos resultados de um questionário a que submeti antigos e actuais colegas. As perguntas recolheram dados sobre as práticas e dificuldades de quem cobre a actualidade mundial sem sair da secretária, e lançaram o debate sobre se esta forma de trabalhar se pode considerar jornalismo.

Espero que este relatório contribua para a reflexão sobre determinadas problemáticas que estão a afectar a qualidade da informação, nomeadamente o «jornalismo de secretária», tema pouco abordado na literatura existente.

1. Experiência profissional

1.1 Breve descrição do percurso profissional

O meu percurso na área do Jornalismo iniciou-se na **Rádio Clube de Penafiel**, em Setembro de 1998, altura em que já frequentava a licenciatura em Comunicação Social da Universidade do Minho. Durante um ano e meio, aproveitei os tempos livres para estagiar neste órgão, onde aprendi a redigir notícias e reportagens, ler e gravar textos, utilizar equipamento áudio, editar sons e a fazer directos. Fui, ainda, convidada para elaborar uma rubrica cultural, a que chamei *Sob Escuta*.

No final da licenciatura, em 2002, decidi realizar o meu estágio curricular na **RTP-Porto**. Não me viria a arrepende desta escolha, uma vez que o canal estatal se revelou o local ideal para uma primeira experiência em televisão. A RTP encarava o estágio como um processo de aprendizagem e não como uma oportunidade para ter mais jornalistas a custo zero, algo que sucedia em outros meios de comunicação. Como tal, o que eu e as outras estagiárias tínhamos de fazer era acompanhar as reportagens efectuadas pelos profissionais da casa e elaborar as nossas peças-fantasma, que eram depois analisadas pela supervisora do estágio.

Tivemos também a possibilidade de simular directos e realizar testes de estúdio, o que nos permitiu experimentar todo o tipo de trabalho exigido aos jornalistas de televisão. Nenhuma destas actividades foi uma novidade, uma vez que já tinha realizado exercícios semelhantes nas disciplinas de Laboratório de Jornalismo, Laboratório Audiovisual, *L'Entrevista e El Reportatge Televisiu*¹ e Complementos de Jornalismo.

Terminada a licenciatura e enquanto procurava emprego, em 2003, optei por estagiar em imprensa, a área em que me faltava uma experiência no mundo laboral.

¹ Efectuei esta cadeira na *Universitat Autònoma de Barcelona*, onde estudei durante o segundo semestre do quarto ano da Licenciatura em Comunicação Social, no âmbito do programa Sócrates/ Erasmus.

Mais uma vez, tive a sorte de escolher o local certo. Na redacção do Porto do jornal *A Bola* pude aprofundar e consolidar os conhecimentos teórico-práticos adquiridos ao longo da minha formação académica, bem como aprender mais sobre desportos como basquetebol e voleibol, sobre os quais eu não me sentia muito à vontade para escrever.

O aspecto mais negativo destes dois últimos estágios foi que, ao contrário do que aconteceu no primeiro, na Rádio Clube de Penafiel, os trabalhos que eu efectuava eram meros exercícios de aprendizagem. Os estagiários não estavam autorizados a dar voz às peças, nem a assinar os textos, mesmo que, em situações extraordinárias, saíssem sozinhos em reportagem, como me aconteceu na RTP.

Acabei por interromper o estágio n' *A Bola*, em Julho de 2003, três meses depois de o ter começado, quando me surgiu a oportunidade de trabalhar para o jornal *Novas do Vale do Sousa*. Foi-me proposta uma colaboração à peça, mas que, na prática, viria a ser um emprego a tempo inteiro, mal remunerado, a recibos verdes, como acontecia e acontece a imensos jornalistas em Portugal. Apesar das más condições financeiras, neste semanário tive a hipótese de colocar em prática tudo o que tinha aprendido até então, na faculdade e nos estágios. Aprendi, ainda, outras tarefas necessárias à elaboração de um jornal, desde o planeamento à paginação, e cheguei mesmo a efectuar a distribuição do semanário, uma vez que nos órgãos regionais os jornalistas têm de fazer um pouco de tudo.

Em Outubro de 2003, passei a ser também correspondente do jornal *O Jogo*, em Penafiel, onde tinha como função acompanhar a equipa de futebol local. Foi um trabalho desafiante responder às exigências de um diário nacional, as quais aumentaram a partir do momento em que o clube da cidade ascendeu ao escalão máximo do futebol português. Tinha quase todos os dias uma página de jornal para escrever, ainda que tivesse apenas o estatuto de colaboradora e o que recebia mal chegasse para pagar as despesas, já que eu tinha de utilizar o meu carro e o meu telemóvel para efectuar as reportagens.

Durante quase dois anos, conciliei as funções de correspondente com o trabalho em meios regionais, primeiro no *Novas do Vale do Sousa*, depois na **Rádio Montemuro** e no jornal *Margem Douro*. Pertenci aos quadros da empresa proprietária destes dois últimos órgãos de comunicação entre Novembro de 2003 e o mesmo mês de 2005. Foi

uma experiência bastante interessante, pois conciliei o meu trabalho enquanto jornalista com a concepção, planificação e desenvolvimento do jornal, e com a apresentação de dois programas radiofónicos: *As Nossas Manhãs* e *umahora.com*.

No final de 2005, decidi deixar o meu emprego, para realizar o programa INOV Contacto, que me proporcionou um estágio de nove meses na **SBS Radio**, na Austrália. No entanto, neste meio de comunicação acabei por não ser apenas uma estagiária. Rapidamente, fui integrada na equipa de língua portuguesa, desempenhando as mesmas tarefas que os jornalistas da casa. Aliás, quando os meus superiores foram de férias, eu e outra colega ficámos responsáveis pela produção e realização do programa. Fiz também parte da equipa que efectuou as emissões especiais dos jogos das selecções de Portugal e Angola durante o Mundial de 2006.

Uma das melhores coisas que a **SBS Radio** me proporcionou foi formação em diversas áreas. Quase todas as semanas havia um curso ou um *workshop* e eu optei por frequentar todas as acções², o que levou a responsável pelo departamento a sugerir que me submetesse a alguns testes, de forma a obter o *Certificate III in Broadcasting (Radio)*. A maior parte da formação que fiz acabou, assim, por ser, formalmente, reconhecida.

Esta experiência internacional abriu-me as portas do canal **Euronews**, onde trabalho desde Abril de 2007. Tal como a **SBS Radio**, trata-se de uma estação multicultural. A diferença é que enquanto na rádio australiana eu interagía sobretudo com colegas portugueses, brasileiros e timorenses, na estação televisiva pan-europeia trabalho sempre com uma equipa multilinguística, composta por elementos das equipas alemã, árabe, espanhola, francesa, inglesa, italiana, iraniana, russa, turca e ucraniana.

Trabalhar nesta redacção tem sido extremamente enriquecedor em termos pessoais e profissionais, nomeadamente pela diversidade de temas que tenho tratado e pela quantidade de línguas, além do português, que utilizo diariamente: inglês, francês e

² *Netia, Feature/ Documentary, Studio Multitrack, Archive and Adobe Audition, Talkback Session, Legal Training, How to Work with a Live Crowd/ OB Presentation Training, Journalism 1, Podcasting Training, World Cup Workshop, Voice Coaching Workshop, Lecturer in Voice, Music Recording Copyright, Interview Skills, Media Law e AD Libbing Workshops.*

espanhol. Tenho, ainda, aprendido imenso com colegas provenientes das mais diversas partes do mundo, muitos dos quais com vidas e carreiras deveras interessantes.

Desde Dezembro de 2011 que sou também correspondente da *Swissinfo*, outro órgão de comunicação social que informa em várias línguas. Elaboro reportagens multimédia em português sobre acontecimentos ou temas relacionados com o meu país. Seguindo uma tendência cada vez mais marcante no jornalismo, que obriga o repórter a ser polivalente, tenho de recolher sons e editá-los, tirar fotografias e redigir o texto.

1.2 Apresentação das empresas

Antes de explorar algumas das questões mais importantes com que me tenho deparado ao longo do meu percurso profissional, parece-me pertinente apresentar, ainda que de forma muito breve, os órgãos de comunicação social onde trabalhei. Esta apresentação poderá ajudar a contextualizar a reflexão que será efectuada no ponto seguinte.

1.2.1 Rádio Clube de Penafiel

A Rádio Clube de Penafiel (RCP) é um meio de comunicação social regional, que privilegia o auditório do Vale do Sousa e Baixo Tâmega. De acordo com o seu sítio na Internet³, surgiu em 1986 como rádio-pirata, que emitia a partir de uma pequena cave. Três anos depois, com o processo de legalização das emissoras locais, a Rádio Clube de Penafiel - Cooperativa Radiofónica CRL. foi, «legalmente, autorizada a exercer a actividade de radiodifusão sonora de âmbito generalista, para cobertura do concelho de Penafiel», na frequência 91.8 FM.

A RCP define-se como um «meio de comunicação social de serviço público, através de um cuidado serviço de informação noticiosa no âmbito da actualidade local,

³ http://www.radioclube-penafiel.pt/_quem_somos22

regional e nacional, mas também incentivando e divulgando temas e eventos culturais, sociais e desportivos, de modo a valorizar o que de melhor existe e se faz na região»⁴.

Na altura em que comecei o estágio, a rádio tinha quatro jornalistas, que asseguravam, diariamente, o mesmo número de noticiários e alguns programas da estação. Em determinados períodos do dia havia apenas um profissional na redacção, o que tornava impossível o trabalho de reportagem. Inicialmente, não havia ninguém a coordenar a equipa. O director da rádio estava a maior parte do tempo ausente, uma vez que trabalhava na Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Posteriormente, foi contratado um director de informação, que acabou, no entanto, por aí permanecer pouco tempo.

1.2.2 RTP

Como refere o Dicionário Ilustrado da História de Portugal (Pereira, 1985: 278), a primeira estação televisiva de Portugal surgiu, em 1955, através do decreto-lei n.º 40341, que previa a criação de uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, com a concepção de serviço público: a RTP – Radiotelevisão Portuguesa, SARL.

Em 1968, foi inaugurado o segundo canal de emissão. A RTP-Madeira começou as emissões regulares em 1972 e a RTP-Açores em 1975. Neste mesmo ano, na sequência do 25 de Abril, a RTP foi nacionalizada.

No princípio da década de 90, foi abolida a taxa de televisão. A RTP passou a ser financiada por publicidade e indemnizações compensatórias por parte do Estado.

Em 1992, como indica a Nova Enciclopédia Larousse (Oliveira, 1996: 5847), nasceu a RTP Internacional. Foi também neste ano que a televisão pública passou a ter concorrência com o arranque das emissões da SIC. Um ano depois, apareceu a TVI.

Quando estagiei na RTP-Porto, em 2002, este centro de produção tinha a seu cargo a emissão da *Praça da Alegria*, do *Jornal da Tarde* e do *Regiões-Porto*, entre as 10 horas e as 14h30. A redacção do Porto trabalhava, ainda, para outros programas de informação do primeiro e segundo canais.

⁴ http://www.radioclube-penafiel.pt/_perfil_da_radio

Actualmente, está em curso um processo de reestruturação da empresa.

1.2.3 A Bola

A *Bola* foi fundada a 29 de Janeiro de 1945, por Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo. No primeiro número (1945:1), a publicação apresentava-se como um «jornal livre, sério e honesto: nas intenções e nos processos, a dizer do bem e a dizer o mal, na crítica, na doutrina, na propaganda desportivas» e prometia «liberdade integral ao redactor, ao colaborador, ao leitor».

A Infopédia⁵ conta que cerca de um ano após o lançamento, o jornal foi suspenso durante quase um mês, porque a Comissão de Censura não gostou da maneira como foi tratada a selecção inglesa de futebol.

Inicialmente, *A Bola* tinha duas edições semanais, mas, em Julho de 1950, transformou-se em trissemanário, dado o interesse manifestado pelos leitores. Quase 39 anos depois, passou a publicar-se também ao domingo. Em Fevereiro de 1995, o jornal passou a ser diário e trocou o grande formato pelo de tablóide. No ano 2000, as edições diárias passaram a estar disponíveis na Internet.

A redacção do Porto do jornal *A Bola* tinha apenas uma mulher, fotojornalista, quando lá cheguei, em 2003. O designado jornalismo desportivo continua a ser exercido, maioritariamente, por homens, embora o número de mulheres tenha vindo a aumentar⁶.

1.2.4 NOVAS do Vale do Sousa

O número zero do *Novas do Vale do Sousa* saiu a 29 de Abril de 1994. No editorial (ver anexo I), o director do jornal, Acácio Ferreira, explicava as razões que levaram à criação deste semanário regional: «As notícias são tantas que os jornais nacionais são forçados a dar relevo à informação mais geral» e a deixar para «segundo plano» a informação respeitante às diversas regiões do país, uma «falha que só pode ser

⁵ Infopédia (s.d.), *A Bola*. Acedido em 2 de Dezembro de 2011, em [http://www.infopedia.pt/\\$a-bola](http://www.infopedia.pt/$a-bola).

⁶ O aumento do número de jornalistas do sexo feminino a trabalhar no mundo do futebol tem contribuído para desmistificar a ideia de que as mulheres não percebem nada do assunto. Nunca me senti vítima deste preconceito, mas lembro-me que, uma vez, numa conferência de imprensa, um treinador ao responder à pergunta de uma colega insinuou que ela não tinha compreendido determinado lance e dirigiu-se a um jornalista do sexo masculino com um cúmplice «Você percebeu, não percebeu?»

suprida pela existência de um jornal regional». O *Novas* «não é um projecto político, nem se subordina a quaisquer interesses comerciais, financeiros ou pessoais, sejam de quem forem. O nosso objectivo é a procura da verdade, através de uma informação correcta, equilibrada, equidistante e fundamentada».

No período em que trabalhei para este semanário, o jornal possuía dois jornalistas a tempo inteiro, sendo que um era o director, e três, comigo incluída, que trabalhavam à peça. Um número de profissionais manifestamente insuficiente para cobrir seis concelhos: Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel. Aliás, a maior parte das notícias incidia apenas sobre metade destes municípios.

1.2.5 Margem Douro e Rádio Montemuro

Segundo a informação que recolhi junto do director destes dois órgãos de comunicação, a Rádio Montemuro nasceu há 20 anos, no concelho de Cinfães. Trata-se de uma estação generalista, que emite em duas frequências: 87.8 e 88.5 FM.

Diariamente, emite quatro blocos noticiosos regionais, para além dos noticiários nacionais que transmite em simultâneo com a Antena 1. A animação é outra vertente da rádio, que realiza programas diários que contam com a participação dos ouvintes. Na publicidade emitida pela Rádio Montemuro tem particular destaque a institucional, referente à divulgação de eventos das freguesias e dos municípios da região.

A empresa detentora da Montemuro lançou, em Janeiro de 2000, o jornal *Margem Douro*. Este quinzenário funcionava nas mesmas instalações da rádio, até porque a redacção era comum aos dois órgãos de comunicação social. A publicação periódica encerrou no final de Março de 2008, por dificuldades financeiras.

Os dois meios de comunicação tinham o mesmo estatuto editorial (conferir Anexos II e III), em que diziam orientar-se «pelos princípios da liberdade, do pluralismo e da independência», privilegiando «a informação isenta, rigorosa e maximamente objectiva, que possibilite e garanta a expressão e o confronto das diversas correntes de opinião».

1.2.6 O Jogo

Lançado em 22 de Fevereiro de 1985, *O Jogo* foi o primeiro jornal desportivo de publicação diária em Portugal. No estatuto editorial publicado no primeiro número (1985: 3), comprometia-se a ter sempre «uma opinião crítica, serena e desapaixonada, ante o fenómeno desportivo, procurando respeitar as diferentes sensibilidades e rejeitando toda e qualquer forma de pressão». Ainda na década de 80, o jornal teve a primeira redacção totalmente informatizada do país.

Em 1994, a empresa Jornalinveste S.A. adquiriu a publicação à empresa JN e *O Jogo* tornou-se o primeiro diário desportivo a ter uma edição diferenciada no Porto e em Lisboa. Actualmente, o jornal integra a Controlinveste Media, como refere o sítio deste grupo de comunicação⁷.

Ao contrário da maioria dos jornais portugueses, *O Jogo* está sediado no Porto. As redacções da cidade invicta e da capital são complementadas por uma rede de dezenas de correspondentes, que, diariamente, enviam informações, notícias e reportagens, por sua iniciativa ou a pedido dos editores.

1.2.7 SBS Radio

Perante as preocupações de que as comunidades de imigrantes pudessem pedir informação detalhada nas suas línguas acerca do novo esquema de saúde *Medibank*, foram criadas, em 1975, duas estações de rádio étnicas: a 2EA, em Sidney, e a 3EA, em Melbourne. Emitiam mensagens gravadas em sete e oito línguas, respectivamente. A história é contada no sítio da rádio australiana.⁸

Um ano mais tarde, como explica a página da Internet *Making multicultural Australia*⁹, o governo federal criou o *Consultative Committee on Ethnic Broadcasting*. Mediante a recomendação deste comité e dos que se lhe seguiram, o *Broadcasting and Television Act 1942* foi alterado para fundar o *Special Broadcasting Service*. A

⁷ <http://www.controlinveste.pt/Pt/Media/Jornais.aspx?item=O%20Jogo>

⁸ <http://www.sbs.com.au/aboutus/our-story/index/id/145/h/30-Year-Anniversary>

⁹ http://www.multiculturalaustralia.edu.au/doc/sbs_3.pdf

legislação entrou em vigor no primeiro dia de 1978, com o novo radiodifusor a assumir a responsabilidade da 2EA e da 3EA.

Em 1980, o serviço de rádio já existia em 47 idiomas. Actualmente, a *SBS Radio* serve as diferentes comunidades da Austrália, transmitindo em 68 línguas. O sítio da rádio e televisão estatal¹⁰ explica que «a SBS foi fundada na crença de que todos os australianos, independentemente da geografia, idade, background cultural ou línguas, devem ter acesso a media australianos de alta qualidade, independentes e com relevância cultural»¹¹.

Os programas em dezenas de línguas asseguram que «todos os australianos, incluindo os três milhões de australianos que se estima falarem uma língua diferente do inglês em casa, podem partilhar as experiências dos outros e participar na vida pública»¹².

As horas de programação da SBS são repartidas pelas 68 línguas em função da dimensão das comunidades de imigrantes existentes na Austrália. Em 2006, o português tinha quatro programas semanais de uma hora, que emitiam notícias sobre a Austrália, os países de língua portuguesa e o resto do mundo, bem como informações e reportagens sobre as comunidades. A emissão era também preenchida com música em português.

1.2.8 Euronews

O sítio da Internet do *Euronews*¹³ conta que o canal noticioso foi lançado em 1993 e que emite, actualmente, em onze línguas: inglês, francês, alemão, espanhol, italiano, português, russo, árabe, turco, persa e ucraniano. O serviço em língua portuguesa iniciou-se em 1999.

¹⁰ <http://www.sbs.com.au/aboutus/our-story/index/id/131/h/Our-Story>

¹¹ Tradução da autora.

¹² Tradução da autora.

¹³ <http://pt.euronews.com/the-station/>

Como é referido no *website*, a televisão tem 21 accionistas, que são as estações públicas de vários países: CT (República Checa), CyBC (Chipre), ENTV (Argélia), ERT (Grécia), ERTT (Tunísia), ERTU (Egipto), *francetélévisions* (França), NTU (Ucrânia), PBS (Malta), RAI (Itália), RTBF (Bélgica), RTE (Irlanda), RTP (Portugal), RTR (Rússia), RTVSLO (Eslovénia), SNRT (Marrocos), SSR (Suíça), TRT (Turquia), TVR (Roménia), TV4 (Suécia) e YLE (Finlândia).

«No canal euronews, acreditamos na inteligência humana e achamos que a função de um canal de informação é dar matéria suficiente a cada indivíduo para que crie a sua própria opinião sobre o mundo», pode ler-se na página da Internet da estação pan-europeia, que defende: «O trabalho jornalístico não é uma questão de “tomar partido por algo”, trata-se antes de mais de transcrever a realidade em toda a objectividade e em toda a integridade. Esse é o combate que o canal euronews trava desde a sua criação, fornecer-lhe os factos e apenas os factos¹⁴».

A redacção desta televisão organiza-se de uma forma particular, por emitir em 11 línguas. Várias equipas, constituídas por um jornalista de cada idioma, asseguram a elaboração de peças e reportagens para os noticiários, assim como para as rubricas de economia, cultura, ciência e desporto. Como em termos de imagens, a emissão é a mesma nas diversas línguas, um chefe de edição ou um produtor edita a peça ou a reportagem, para a qual depois os jornalistas redigem um texto, com base nas informações que lhes são dadas e noutras que procuram.

1.2.9 *Swissinfo*

Swissinfo é um grupo multimédia de direito público, que, segundo o seu sítio¹⁵, tem por missão «informar os suíços no estrangeiro sobre os acontecimentos em seu país e os estrangeiros que se interessam pela Suíça». A plataforma multimédia está disponível na Internet em nove idiomas, entre eles o português. A *Swissinfo* tem sede em Berna e escritórios em Genebra e Zurique, bem como correspondentes noutros países, como Portugal.

¹⁴ Veremos nos pontos 1.3.3 e 2.2 que este não é «um combate» nada fácil para os jornalistas da estação.

¹⁵ http://www.swissinfo.ch/por/capa/sobre_nos.html?cid=893926

A passagem por estes órgãos de comunicação social deu-me a conhecer diferentes práticas jornalísticas, algumas das quais entravam em choque com o que tinha aprendido durante a minha licenciatura. Tentei sempre questionar e recusar tudo o que violasse os princípios éticos e deontológicos que devem nortear a profissão. A reflexão que se segue é o resultado dessa preocupação.

1.3 Reflexão crítica sobre a experiência profissional

Nesta secção, proponho-me analisar algumas das questões mais relevantes e preocupantes com que me tenho confrontado ao longo da minha carreira. Optei por agrupar os órgãos por categorias (regionais, nacionais e internacionais), de forma a analisar aspectos que lhes eram comuns.

1.3.1 Órgãos regionais

«...o primeiro-ministro punha em movimento [...] a maquinaria mediática que, englobando imprensa, rádio, televisão e todas as mais subexpressões escritas, auditivas e visualizáveis disponíveis, quer decorrentes quer concorrentes, haveria de convencer a população da capital de que, desgraçadamente, estava outra vez cega.»

José Saramago (2004: 186)

Um dos primeiros problemas com que me defrontei nos meios de comunicação social regionais foi a falta de meios físicos e humanos. Em quase todas as redacções onde trabalhei havia, no máximo, quatro jornalistas a tempo inteiro para cobrir uma meia-dúzia de concelhos.

Só o empenho e o profissionalismo da maioria dos jornalistas, muitas vezes entregue à sua própria sorte por directores pouco presentes, permitia assegurar projectos com um mínimo de qualidade, mas mesmo a fazer muitas horas extraordinárias não

pagas, os profissionais não tinham como cobrir tudo o que se passava e muito menos podiam sair, frequentemente, em reportagem.

Atendendo também à disponibilidade da viatura e do material, apenas eram alvo de cobertura alguns acontecimentos, sendo a maior parte do trabalho efectuada com recurso ao telefone, aos gabinetes de imprensa ou às agências noticiosas.

Graham Murdock (cit. por Traquina, 1993: 229) alerta para os resultados desta prática:

«As pressões de tempo incessantes e os consequentes problemas de distribuição de recursos e calendarização de trabalho em organizações jornalísticas podem ser reduzidos ou aliviados através da cobertura de acontecimentos “pré-agendados”; isto é, aqueles que foram anunciados com antecedência pelos seus convocadores. Contudo, uma das consequências de adopção desta solução para os problemas de horário é o aumento da dependência dos jornalistas nas fontes de informação desejosas e capazes de pré-agendar as suas actividades».

A dependência dos assessores, sobretudo das Câmaras Municipais, era um mal comum aos órgãos regionais onde trabalhei. Nos jornais, por exemplo, eram várias as páginas preenchidas com *press releases*¹⁶, com a agravante de, muitas vezes, por falta de tempo, esses materiais não serem filtrados por qualquer jornalista.

Quando era eu que efectuava os fechos dos jornais e era obrigada a recorrer a estes textos para acabar de preencher algumas páginas, tinha, pelo menos, o cuidado de os ler, cortar e modificar, de forma a eliminar o que me parecia propaganda. No entanto, sabia que estava longe da prática ideal, estudada na universidade e recomendada pelo *Livro de Estilo do Público* (cit. por Correia, 1998: 149): «Qualquer informação com características publicitárias ou provenientes de um serviço de relações públicas – como é o caso dos *press-releases*, *briefings* ou encontros organizados com esse fim – deve constituir apenas uma pista para um trabalho jornalístico independente».

¹⁶ Mário Mesquita (1998: 91) alerta que «o discurso jornalístico consegue frequentemente disfarçar ou eliminar as marcas do “promotor” da notícia, deixando a “fonte” na obscuridade ou no anonimato. Quando assim sucede, o trabalho das “fontes organizadas” aparece, aos olhos do leitor desprevenido ou desatento, como informação resultante da procura de informação pelo jornalista».

Alguns assessores tentavam interferir no trabalho dos jornalistas antes, durante ou após os eventos, sobretudo nos casos em que os meios de comunicação dependiam, financeiramente, de publicidade ou de publicações das câmaras municipais. Apercebi-me em diversas circunstâncias que os directores de alguns meios de comunicação eram pressionados pelas administrações, muitas vezes envolvidas em lutas políticas, para fechar os olhos a determinados assuntos que pudessem prejudicar determinada autarquia e para não dar voz à oposição. Mesmo se os estatutos editoriais, praticamente iguais, apregoavam sempre independência, nomeadamente em relação ao poder político e autárquico (conferir Anexos I, II e III).

A débil situação financeira da maioria dos media regionais deixa-os numa situação de grande vulnerabilidade em relação a instituições e empresas. Recordo-me que um importante grupo empresarial português tentou impedir a publicação de uma reportagem que eu efectuei, a troco de publicidade. A direcção do órgão de comunicação tentou convencer-me a, pelo menos, alterar o conteúdo e, apesar de eu estar a trabalhar nesse jornal há poucos dias, recusei-me a fazê-lo ou a mostrá-lo ao presidente da empresa, como solicitado, insistentemente, pela sua assessora.

Fui também vítima de pressões quando acompanhava a equipa do Futebol Clube de Penafiel. Alguns dirigentes tentavam, constantemente, intrometer-se no trabalho dos jornalistas e como eu nunca deixei que isso acontecesse, fui alvo de tentativas de intimidação. Numa primeira fase, entre outras coisas, fui expulsa de uma conferência de imprensa, até que, meses mais tarde, acabei por ser proibida de entrar nas instalações do clube. O jornal decidiu colocar-me em *standby* durante uns tempos e chegou a propor-me que acompanhasse outra equipa. Perante uma posição tão decepcionante recusei retomar a colaboração quando me voltaram a contactar, depois de a direcção do clube ter mudado.

Ao longo da minha carreira, tenho lutado sempre «contra as restrições no acesso às fontes de informação e as tentativas de limitar a liberdade de expressão e o direito a informar» e recusado actos que violentem a minha consciência, seguindo as recomendações dos artigos nº 3 e 5 do *Código Deontológico do Jornalista*. A liberdade de expressão e de criação, a liberdade de acesso às fontes de informação e a garantia de independência e da cláusula de consciência são três dos cinco direitos dos jornalistas

consagrados na *Lei nº 2/99 de 13 de Janeiro*, outro documento para o qual sempre fomos sensibilizados nas aulas de Jornalismo da Licenciatura em Comunicação Social.

No entanto, esta luta contra as pressões e a favor da independência não é fácil, sobretudo quando se está numa condição precária, em que, sem nenhum custo, se pode ser dispensado.

1.3.2 Órgãos nacionais

“Durante uns bons dez minutos nada se moveu. O repórter esforçava-se por encher o tempo [...] mas qualquer telespectador medianamente experimentado em decifrar audiovisuais teria de aperceber-se da aflição do pobre jornalista”

José Saramago (2004: 164)

Neste ponto, gostaria de fazer uma distinção entre jornais e televisões, uma vez que há questões específicas de cada tipo de meio de comunicação que me parece relevante analisar, como a obrigatoriedade de encher determinado número de páginas, mesmo que não haja notícias, e a febre dos directos, respectivamente.

Os jornais desportivos têm, diariamente, dezenas de páginas, a maioria delas destinadas ao futebol e em especial aos clubes grandes. Ora, se em dias de jogos este espaço é ocupado com uma análise detalhada dos encontros, nos restantes dias, a maioria, abundam, muitas vezes, os acontecimentos menores ou *fait-divers*.¹⁷

Na pré-temporada, uma parte considerável das notícias baseia-se em não-acontecimentos¹⁸, como o anúncio de contratações que nunca chegam a concretizar-se.

¹⁷ No número um do jornal *O Jogo* (1985: 1), o então director Serafim Ferreira abordava, no editorial *Queremos ganhar*, as eventuais dúvidas que o lançamento de um diário desportivo podia suscitar: «É evidente que, no nosso país, relatar Desporto todos os dias não é, desnecessário será dizê-lo, missão que se cumpra com um sorriso nos lábios. Todos sabemos – e na hora da arrancada estamos perfeitamente cientes disso – que a actividade desportiva nacional não é tão fértil quanto desejaríamos». E este era o apenas o primeiro diário desportivo. Actualmente, há três.

¹⁸ Mar de Fontcuberta (1999: 22) chama não-acontecimentos «à construção, produção e difusão de notícias a partir de factos não ocorridos ou que envolvem explicitamente uma não-informação no sentido jornalístico». A autora define três tipos: notícias inventadas, que são «construídas a partir de elementos, declarações, hipóteses, etc., que na realidade não existem e não têm confirmação posterior por parte dos meios»; notícias falsas, que são «elaboradas com elementos apresentados como verdadeiros e que acabam por se verificar falsos, sendo posteriormente reconhecidos como tal. O erro pode ser originado por uma informação

Isto explica-se, por exemplo, pelo facto de os jornalistas serem, frequentemente, usados por jogadores, dirigentes ou empresários para noticiar o interesse de um clube em determinado atleta, de forma a valorizá-lo. São casos de desinformação, que o jornalista francês Jean Ferré (cit. por Fontcuberta, 1999: 26) define como «técnica que consiste em dar a terceiros informações falsas, levando-os a cometer acções colectivas ou a difundir opiniões erróneas que correspondam às intenções do desinformador».

Acontecia-me, com frequência, o editor comunicar-me o espaço de que eu dispunha, sem me perguntar que notícia(s) é que eu tinha, se é que tinha alguma novidade nesse dia. Várias vezes era-me atribuída uma página de jornal, sem que eu tivesse informação que o justificasse, uma situação que eu tentava sempre contornar, efectuando uma entrevista a um jogador ou treinador, para evitar cair em *fait-divers*, como o carro topo de gama conduzido pelo roupeiro do clube.

Outra das críticas que me merece o jornalismo designado como desportivo é o facto de alguns profissionais se comportarem mais como relações públicas do clube que acompanham do que como jornalistas. Em algumas ocasiões, publiquei notícias de que outros colegas já tinham conhecimento, mas que não se atreviam a divulgar, porque sabiam que isso ia provocar a ira de alguns elementos da instituição.

Sei o quão difícil é acompanhar uma equipa, encarando diariamente jogadores, treinadores e dirigentes sobre os quais, por vezes, escrevemos notícias que não lhes agradam, mas se não se é capaz de resistir às pressões e se vive refém do medo de perder o emprego, talvez seja melhor assumi-lo e ir trabalhar para o departamento de comunicação dessa instituição desportiva. Não foi essa cultura de subserviência e de cobardia que me foi estimulada na universidade.¹⁹

insuficiente, uma interpretação incorrecta dos elementos disponíveis por parte do jornalista ou uma deliberada atitude de desinformação por parte do emissor ou das fontes da notícia»; e as notícias especulativas, que são «construídas sobre hipóteses não comprovadas ou rumores não identificados».

¹⁹ Na última crónica que efectuou para a Antena 1, que Pedro Rosa Mendes, tal como Raquel Freire, acusou de censura por acabar com o espaço de opinião *Este Tempo*, este jornalista referiu-se «a uma cultura mesquinha em que quase sempre não há ninguém que diga aquilo que todos sabem, mas que todos devem calar. Uma terra onde, finalmente, se instalou o medo e uma noção puramente alimentar da dignidade individual. Traduza-se: “está caladinho, para guardares o trabalho”» (cit. por Torres: 2012).

Durante o meu estágio na RTP deparei-me com uma «obsessão pelo “directo”, pelo tempo real» (Jespers, 1998: 20), que viria a reencontrar, mais tarde, no *Euronews*. Qualquer espaço noticioso da televisão pública portuguesa tinha, pelo menos, uma intervenção deste género, sendo que muitas delas, quanto a mim, não se justificavam. É que não abordavam algo que tinha acabado de acontecer ou que, ainda, se estava a desenrolar, mas assuntos que poderiam ser desenvolvidos numa peça, como a polémica acerca da construção de um heliporto ou a insegurança que rodeava o Colégio dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia.

Aliás, eram exibidas reportagens antes dos directos, os quais acabavam, assim, por não acrescentar nenhuma informação, até porque, muitas vezes, os entrevistados eram os mesmos. Ramonet (2000: 92) sublinha que o directo cria «a ilusão de autenticidade».

1.3.3 Órgãos internacionais

«Só há um lugar onde normalmente não se encontram jornalistas. A rua. [...] já não se vê na rua, nem no Bar das Almas Perdidas, que é onde se forja um olfato e uma prosa. Agora, se vê a um jornalista na rua, é provável que seja um desempregado»²⁰

Manuel Rivas (2003: 131 e 132)

No *Euronews* reencontrei a febre dos directos, mas com a preocupação de acompanhar em tempo real o que está a acontecer. «Na televisão, informar é proporcionar que se assista ao desenrolar dos acontecimentos», frisa Jean Cluzel (cit. por Lopes, 1999: 79).

Nelson Traquina (1993:181) refere que «uma ideia-chave entre os jornalistas de televisão é o “imediatismo”», um conceito que nunca me agradou, pois não me dá tempo de reflectir sobre o que se está a passar e muito menos de investigar, de filtrar. Em diversas ocasiões, fui obrigada a comentar acontecimentos, em directo, a partir dos

²⁰ Tradução da autora.

estúdios, sem ter outra informação que não fosse o que os meus olhos viam, ao mesmo tempo que os dos espectadores, nas imagens que chegavam.

Ramonet (2000:73) considera, por isso, que o jornalista se deveria chamar «instanteísta» ou «imediatista». O autor espanhol diz que «a função do jornalista desapareceu» e explica porquê: «No meio, já não existe um filtro, um crivo, mas apenas um vidro transparente. Servindo-se da câmara, da máquina fotográfica ou da reportagem escrita, quaisquer media (a imprensa, a rádio, a televisão) procuram pôr o cidadão em contacto directo com o acontecimento».

Lembro-me que, em 2009, passei horas a fazer intervenções em directo, por causa de um acidente da *Turkish Airlines* e de um tiroteio numa escola alemã. Eu e os meus colegas dispúnhamos apenas das informações que nos chegavam através das agências noticiosas e que estavam, permanentemente, a ser rectificadas, nomeadamente no que concerne ao número de vítimas. Por conseguinte, em cada directo que fazíamos corrigíamos ou desdizíamos o que tínhamos afirmado na intervenção anterior. Disse, por isso, à responsável pela emissão que a realização constante de directos (de 15 em 15 minutos) estava a descredibilizar, completamente, o nosso trabalho e que deveríamos esperar mais algum tempo até se confirmarem alguns dados, mas ela não concordou, pois, no seu entender, assim mostrávamos estar em cima do acontecimento.

A dependência das agências de notícias foi um dos problemas mais graves que detectei nos órgãos de comunicação internacionais por onde passei. Como realça Jean-Jacques Jespers (1998: 83), as grandes agências internacionais de notícias, as agências de reportagem televisiva, as cadeias de TV que vendem imagens e os sistemas internacionais de troca de notícias «são os verdadeiros controladores das informações televisivas que chegam aos telespectadores». A política editorial destas empresas e redes tende a dar «prioridade ao “centro” (isto é, países desenvolvidos do hemisfério norte), na periferia (Terceiro-Mundo), prioridade às personalidades conhecidas e às notícias “bombásticas”».

O que me parece, ainda, mais preocupante é que muitos órgãos de comunicação utilizem as notícias provenientes destas fontes, sem as escrutinarem, sem procurarem obter as suas próprias informações e, em muitos casos, sem atribuírem os créditos às agências.

O recurso excessivo às agências noticiosas é apenas um dos problemas daquilo que se pode designar como «jornalismo de secretária». Cada vez menos, os jornalistas vão à procura de informação. Recebem-na na secretária, onde passam a maior parte do tempo e onde têm aquelas que são, hoje, as principais ferramentas de trabalho: um computador com ligação à Internet e acesso a uma ou mais agências noticiosas, e um telefone. O ponto de partida para escrever uma notícia é, quase sempre, um telex, um *press release* e/ou informações veiculadas por outros meios de comunicação.

Passar o dia sentado a uma secretária não é, na maioria dos casos, uma opção dos jornalistas, mas uma condição que lhes é imposta pelos media para os quais trabalham, devido a razões de ordem económica. Reconheço que é inviável ter correspondentes em todo o lado ou enviar jornalistas para cobrir todos os acontecimentos, sobretudo quando as agências podem fornecer as informações a um preço muito mais acessível, mas recuso-me a aceitar que os telexes sejam a «norma» e a reportagem «a exceção».

Por considerar que é preocupante o desinvestimento que os órgãos de comunicação (dos regionais aos internacionais) têm vindo a fazer na produção de informação própria, no trabalho de reportagem e na investigação, vou debruçar-me sobre o «jornalismo de secretária» na segunda parte deste trabalho. Além disso, esta é uma questão que me parece menos explorada do que outras, também inquietantes, que referi nesta fase do relatório, como comprova a pouca bibliografia existente, nomeadamente em língua portuguesa.

2. «Jornalismo de secretária»

«Será que o “jornalismo de secretária” nos media internacionais está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros?» é a questão que me proponho investigar neste segundo ponto do relatório. Parece-me extremamente importante perceber que fontes estão a ser usadas e de que maneira. Os jornalistas procuram informação? Confirmam-na? Ou limitam-se a cortar, copiar, colar e traduzir telexes, *press releases* e/ou notícias de outros media?

Primeiro, irei à procura de respostas na literatura existente sobre este tema. Depois, complementarei o quadro teórico traçado com casos retirados da minha experiência profissional e com a aplicação de um inquérito a outros jornalistas.

2.1 Enquadramento e fundamentação teórica

Mauro Wolf (2009: 231) sublinha que «a informação quotidiana - especialmente, a radiotelevisiva – é cada vez mais, e necessariamente, uma informação de agência, cujo núcleo de apoio é constituído precisamente por essas fontes “anónimas” que raramente aparecem nos noticiários e nos jornais como origem efectiva de tudo o que é comunicado».

Confirmar a informação é uma tarefa cada vez mais rara, confundida, muitas vezes, com a comparação de telexes de agências diferentes. No entanto, mesmo esta prática, que na BBC assumia o carácter de regra «das duas agências» caiu em desuso. Enquanto antes o órgão britânico entendia que nenhuma informação podia ser considerada confirmada se não tivesse sido referida, «independentemente, em despachos de duas agências», hoje, «sempre que existem dúvidas, as notícias são dadas, utilizando uma fórmula do tipo fontes não-confirmadas afirmam [...]» (Schlesinger, cit. por Wolf, 2009: 233).

«Este “processamento passivo de material noticioso” tornou-se amplamente conhecido como “churnalism” (Davies, 2008, p.59), o que pode ser pensado como uma

das “economias políticas” chave do jornalismo noticioso contemporâneo»²¹ (Johnston e Forde, 2011: 198).

Como realçam Lewis *et al.* (cit. por Johnston e Forde, 2011: 198-199), «hoje estamos a produzir histórias de uma maneira automática e abundante. Não as escrevemos. Quase tudo é reciclado de outra fonte»²². A comprová-lo está um estudo realizado pelos mesmos autores, que analisaram 2 207 histórias de cinco jornais do Reino Unido e concluíram que as relações públicas²³ e as agências noticiosas representavam 88% destes artigos. Lewis *et al.* (cit. por Johnston e Forde, 2011: 199) sugerem «um processo linear claro em que o material das relações públicas é reproduzido pelos jornalistas de agência, cujo texto é, por sua vez, reproduzido nas notícias dos media»²⁴.

O estudo «“Not Wrong for Long”: the Role and Penetration of News Wire Agencies in the 24/7 News Landscape», desenvolvido por Johnston e Forde (2009: 1), refere, por exemplo, «uma dependência esmagadora dos telexes não apenas da AAP, mas também das agências noticiosas internacionais, em websites noticiosos relevantes»²⁵. David Pontes também constatou esta prática na altura em que era director-adjunto da Agência Lusa: «Há até sites que usam de imediato as nossas notícias sem edição e que as publicam quase no imediato» (cit. por Magalhães, 2011: 41).

Este problema é confirmado pela investigação realizada por Chris Paterson (2006: 17, 18). Em 2001, uma média de 68% do conteúdo dos portais/ agregadores de notícias analisados (AOL, *Yahoo*, *Nando*, *Lycos*, *Excite* e *Altavista*) reproduziam os textos das agências noticiosas, tendo este valor subido para 85%, em 2006. O que Paterson designa como os principais fornecedores *online* de conteúdos noticiosos originais (MSNBC, CNN, BBC, ABC, SKY, *Guardian* e NYT) revelavam uma

²¹ Tradução da autora.

²² Tradução da autora.

²³ Como a questão do uso dos *press releases* já foi abordada no ponto 1.3.1 deste relatório, agora vou debruçar-me apenas sobre o recurso às agências noticiosas e à Internet.

²⁴ Tradução da autora.

²⁵ Tradução da autora.

dependência de 34% em relação às agências, em 2001, e de 50%, cinco anos mais tarde. Quer em 2001, quer em 2006, a *BBC Online* era a que menos utilizava o texto original das agências (5% e 9%, respectivamente).

Ora, ao contrário do que acontece, por vezes, com as informações provenientes das relações públicas, «o material noticioso das agências parece largamente imune a um escrutínio sério», uma vez que traz consigo «uma autoridade tão absoluta que os media não questionam o seu conteúdo ou a sua precisão factual»²⁶ (Johnston e Forde, 2011: 200), nem a sua fonte. Como sugere a investigação realizada por estas docentes universitárias acerca da *Australian Associated Press* (AAP), muitas vezes, as agências reproduzem *press releases* que por terem a chancela da AAP são considerados credíveis, «mesmo que tenha havido muito pouca ou nenhuma confirmação»²⁷ (Johnston e Forde, 2011: 208).

Johnston e Forde (2011: 195) sugerem que o domínio das agências levanta questões acerca da diversidade noticiosa e da liberdade de expressão, realçando que «a “verdade” da AAP, frequentemente, se torna a vasta maioria da “verdade” dos media australianos, mesmo quando [...] possa conter imprecisões e mesmo quando possa levar a um aumento da homogeneidade no ambiente noticioso»²⁸ (2009: 13).

Paterson (2006: 6) sublinha que as «histórias que desafiam as posições ideológicas dos jogadores políticos dominantes na cena mundial (aos olhos da agência, os EUA e o Reino Unido) recebem pouca atenção»²⁹. Além disso, lembra que «a investigação acerca das agências noticiosas tem demonstrado um conteúdo homogéneo e altamente constrangido pela natureza cultural, estrutural e ideológica destas instituições»³⁰ (Paterson, 1996; Cohen, et al, 1996; Hjavard, 1995; Wallis & Baran, 1990, cit. por Paterson, 2006: 6).

²⁶ Tradução da autora.

²⁷ Tradução da autora.

²⁸ Tradução da autora.

²⁹ Tradução da autora.

³⁰ Tradução da autora.

O investigador (2006: 20) acaba por concluir que no panorama noticioso *online* a nível mundial, no que respeita à língua inglesa, existem apenas quatro organizações que executam uma vasta cobertura internacional (*Reuters*, AP, AFP, BBC), enquanto são poucas as que fazem algum tipo de reportagem a esse nível (CNN, MSN, *New York Times*, *Guardian* e alguns grandes jornais e emissoras), e a maioria não efectua uma cobertura internacional original.

Na base do recurso às agências, em detrimento da produção de informação própria, estão, como realça Golding – Elliott (cit. por Wolf, 2009: 232), razões económicas:

«O custo dos correspondentes no estrangeiro é infinitamente mais elevado do que a assinatura numa agência [...]; para os órgãos de informação menos poderosos, as despesas com os correspondentes estrangeiros ultrapassam as suas possibilidades económicas. Para eles, os serviços regionais das agências [...] são a única fonte possível de notícias vindas do estrangeiro».

A dependência de jornais, rádios, televisões e sítios web em relação às agências implica também problemas de inexactidão, uma vez que «o mesmo erro pode ser repetido uma e outra vez, à medida que mais publicações pegam no telex»³¹ (Johnston e Forde, 2011: 201). Isto é reconhecido pelo então director-adjunto da Agência Lusa, David Pontes, que afirma que um erro da sua redacção «é mais ampliado e visível do que os dos diários» (cit. por Magalhães, 2011: 41).

Apesar de usarem e abusarem do material proveniente das agências, os órgãos de comunicação adoptam-no, muitas vezes, «como propriedade das organizações noticiosas, muitas vezes, sem atribuição»³² (Johnston e Forde, 2011: 201).

A confirmá-lo está o testemunho de David Pontes, que refere «casos caricatos de uma notícia da Lusa que saiu em quase todos os jornais no mesmo dia, assinada por diferentes pessoas» (cit. por Magalhães, 2011: 41). A pesquisa desenvolvida no âmbito do trabalho «O peso da agência noticiosa no jornalismo diário: o caso da Lusa e do Público» sugere que os artigos baseados na agência portuguesa possam não estar a ser

³¹ Tradução da autora.

³² Tradução da autora.

creditados de forma correcta, uma vez que «o número de notícias, ainda que maioritariamente breves, que surgem sem qualquer tipo de assinatura [...] estão a aumentar e as que têm participação da Lusa diminuem na mesma proporção» (Magalhães, 2011: 57).

Outra das ferramentas usadas no «jornalismo de secretária» é a Internet. Como refere Gomes (2009: 60), «os jornalistas têm progressivamente, no decurso da sua actividade, vindo a usar a Internet como incremento fundamental no processo da recolha informativa, transformando a própria forma como a informação é recolhida».

Pavlik (cit. por Gomes, 2009: 60) realça o facto de a Internet permitir «utilizar os recursos melhor, utilizar melhores recursos e utilizar menos horas de pessoal para se produzir o produto». Através da rede, «o jornalista consegue actualmente obter informações díspares, mas, ao mesmo tempo, complementares, sobre determinado conteúdo ou temática com enorme comodidade» (Gomes, 2009: 70).

Gomes (2009:71-91) efectuou um estudo em que analisou a forma como os jornalistas estão a empregar os recursos da Internet na sua prática profissional. Quase 88% dos 81 jornalistas que responderam ao questionário afirmaram utilizá-la para fundamentar as peças jornalísticas que produzem diariamente. Quanto às vantagens desta ferramenta, a quantidade e a diversidade de informações disponíveis foi o aspecto mais destacado pelos profissionais.

No entanto, quantidade não é sinónimo de qualidade. É preciso triar os conteúdos, ter a certeza que se utiliza fontes fidedignas, o que nem sempre acontece. Por exemplo, a agência de notícias AFP proibiu os jornalistas de usarem, como fontes de informação, a Wikipédia e o *Facebook*. A interdição da rede social aconteceu depois de a AFP ter redigido um telex sobre o filho de Benazir Bhutto, Bilawal, com base em páginas da rede social que viriam a revelar-se falsas e a ser desactivadas.

No encontro *Les Assises du Journalism* 2011, em Poitiers, os profissionais dos media debateram as questões levantadas pelo *Twitter* e pelo *Facebook*. «As redes sociais questionam-nos sobre a nossa maneira de trabalhar. Devemos adaptar-nos, estar presentes e aprender a servir-nos. No *Twitter*, aprendemos imensas coisas, mas

igualmente muitas coisas falsas. Os jornalistas devem fazer a sua parte»³³, sublinhou a directora-adjunta de Informação da AFP, Juliette Hollier-Larousse (cit. por Delrieux, 2011).

A responsável editorial do sítio da Internet da *France 24*, Julien Pain (cit. por Delrieux, 2011), destacou, apesar de tudo, as virtudes do *Facebook*, nomeadamente nas revoltas árabes: «Ele ajudou as pessoas a organizarem-se, enquanto o Twitter é usado sobretudo por habitués e jornalistas. Em geral, os jornalistas falam aos jornalistas»³⁴.

Nicolas Willems (cit. por Duchrow, 2010), jornalista belga que, em 2010, passou cinco dias com quatro colegas numa casa de campo, informando-se apenas via *Twitter*³⁵ e *Facebook*, retirou duas conclusões da experiência. A primeira foi que «quem precisa de informações e principalmente análises sobre política ou acontecimentos internacionais não deve procurá-las no Twitter ou no Facebook». A segunda, que é muito mais rápido recorrer a outras fontes: «Demora a se construir uma boa rede de informantes realmente confiáveis na sua área. E se informar apenas por meio dessa rede demora uma eternidade!» No entanto, Willems reconhece casos em que o *Twitter* é indispensável, como na cobertura dos acontecimentos do Irão, embora alerte que é preciso analisar as fontes, uma vez que opositores, serviço secreto e governo o usam para a divulgação de mensagens.

No início deste ano, o Eurobarómetro publicou um inquérito intitulado «Os jornalistas e os media sociais»³⁶ (*Horizons Médiatiques/Édition Europe*, 2012), ao qual responderam cinco profissionais de cada país da União Europeia. Este estudo demonstra que a maioria dos entrevistados utiliza o *Facebook* e o *Twitter* no âmbito profissional. Pesquisar informação, seguir a actualidade e efectuar contactos são as principais

³³ Tradução da autora.

³⁴ Tradução da autora.

³⁵ Em Agosto de 2009, a empresa *Pear Analytics* analisou dois mil *tweets* e chegou à conclusão que 40% deles eram apenas «murmúrios sem sentido» e outros 40% apenas conversação. Apenas menos de 5% foram consideradas notícias e menos de 10% transmitiam algum valor informativo (Häne, 2010).

³⁶ O relatório define os media sociais como «a utilização de tecnologias móveis e baseadas na Internet que transformam a comunicação num diálogo interactivo» (tradução da autora).

motivações dos inquiridos, que dizem usar as redes sociais «com atenção». A maioria dos profissionais aponta o risco de «credibilidade das fontes»³⁷.

«Será que o “jornalismo de secretária” nos media internacionais está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros?», foi a pergunta com que abrimos este ponto e para a qual os autores e jornalistas citados formularam uma primeira resposta. Os estudos demonstram que os meios de comunicação tendem a reproduzir os telexes, em alguns casos sem serem editados. Confirma-se também a dependência dos órgãos face às relações públicas, embora o material oriundo desta proveniência pareça estar sujeito a outro tipo de escrutínio que não acontece com o das agências noticiosas. A Internet é outra fonte indispensável, com as redes sociais a assumirem cada vez mais protagonismo.

Efectuado este enquadramento parece-me importante passar da teoria à prática, através de alguns casos retirados da minha carreira jornalística.

2.2 O «jornalismo de secretária» na minha experiência profissional

Há muitos anos que sou obrigada a fazer «jornalismo de secretária». Esta é uma prática enraizada nas redacções, difícil de combater, sobretudo quando o número de jornalistas diminui, sem que haja uma redução do volume de trabalho, e a precariedade aumenta. O mais grave nem é ter de fazer «jornalismo de secretária», mas não ter tempo, nem meios para o fazer bem.

Numa noite de 2008, caiu um alerta de uma agência noticiosa que dava conta de um atentado contra o presidente timorense, Ramos Horta³⁸. As informações eram escassas e eu, tendo fontes privilegiadas em Timor-Leste, propus à editora efectuar alguns telefonemas para confirmar o facto e obter mais dados. Ela estranhou a minha

³⁷ Tradução da autora.

³⁸ Alguns minutos depois, surgiu a informação de que o primeiro-ministro de Timor-Leste, Xanana Gusmão, também tinha sido alvo de um ataque.

atitude, de não me querer limitar a usar as agências como faziam, habitualmente, os meus colegas, e aborreceu-se mesmo por eu estar «a perder tempo». Acabei por ter de ouvir a emissão de uma cadeia de televisão que tinha um correspondente nesse país, para perceber mais claramente o que se tinha passado e poder redigir a minha notícia.

Este foi um dos episódios mais frustrantes da minha carreira profissional, pois senti que não estava a desempenhar o meu trabalho de jornalista, tal como tinha sido incentivada a fazê-lo na universidade, e que a minha estação havia perdido a oportunidade de ter informações exclusivas. Aliás, uma colega de uma rádio nacional acabou por me solicitar os contactos e tirar partido das fontes que a minha empresa tinha desaproveitado.

O facto de não ter, frequentemente, meios, nem tempo, para tentar confirmar os factos torna-se, ainda, mais insuportável, quando os telexes me confrontam com informações diferentes e/ou contraditórias sobre o mesmo acontecimento, como é possível constatar no anexo IV. Os telexes da *Reuters* e da AFP noticiam a decisão do Supremo Tribunal dos Estados Unidos acerca da lei do Arizona contra a imigração clandestina, explicando, de maneira diferente, três disposições invalidadas pela mais alta jurisdição do país.

«Estas três provisões exigiam que os imigrantes trouxessem sempre consigo os papéis da imigração, proibiam os imigrantes ilegais de solicitarem trabalho em lugares públicos, e permitiam à polícia deter os imigrantes sem mandados, se os agentes acreditassem que eles tinham cometido crimes que pudessem originar a sua deportação»³⁹, escreve a *Reuters*.

«O tribunal censurou três disposições da lei: a obrigação para todos os imigrantes de poderem apresentar os papéis a qualquer momento; a interdição de trabalhar ou de procurar um emprego sem ter papéis; e a detenção sem mandado de qualquer indivíduo suspeito de ser clandestino»⁴⁰ é a explicação da AFP.

³⁹ Tradução da autora.

⁴⁰ Tradução da autora.

Um problema recorrente é a diferença quanto ao número de mortos e feridos indicado pelas agências. No anexo V, temos como exemplo dois telexes, um da agência *Reuters* e outro da AFP, sobre um acidente de avião na Nigéria, no dia 3 de Junho de 2012. Recebidos, praticamente, à mesma hora, dão informações diferentes quanto ao número de pessoas que seguiam a bordo do aparelho e que, ao que tudo indica, estão mortas: 147 e 153, respectivamente. Um telex enviado pela EFE, cerca de duas horas antes, dizia que estavam 159 pessoas no interior do avião.

A agência britânica diz que não há sobreviventes. A francesa também utiliza a expressão «nenhum sobrevivente» no título, mas perde as certezas no corpo da notícia, ao utilizar frases como «Um avião [...] caiu [...], não deixando quase esperança de encontrar sobreviventes» e «Nenhum balanço preciso estava disponível domingo à noite»⁴¹.

O material enviado pelas agências não levanta apenas questões quanto ao conteúdo dos textos. A 8 de Junho de 2012, estávamos a visualizar as imagens enviadas pela *Reuters* para ilustrar uma peça sobre a promulgação de uma lei na Rússia, que prevê o aumento drástico das multas para irregularidades cometidas durante concentrações públicas, quando um colega russo nos alertou que as imagens da manifestação não eram desse dia, pois ele já as tinha visto anteriormente.

O editor voltou a consultar a *dopesheet*⁴² e depois de uma análise prolongada, em conjunto, percebemos que, de facto, as últimas imagens do bloco eram de arquivo. A maneira como isso estava assinalado não era a mais clara. No entanto, o mais grave é que essas imagens não eram dos protestos que tinham vindo a realizar-se contra a alteração da lei, mas das manifestações que contestaram os resultados das eleições legislativas, em Dezembro de 2011. A *dopesheet* não continha essa informação. Só o soubemos, graças ao colega russo.

Nos protestos pós-eleitorais tinham participado muito mais pessoas do que nas manifestações que contestavam a lei, o que teria distorcido a realidade se as imagens tivessem ido para o ar, sem serem devidamente contextualizadas.

⁴¹ Tradução da autora.

⁴² Trata-se de uma lista dos planos existentes para determinada notícia, apresentada juntamente com os *soundbites* e a história.

Recordo-me de outra situação, em 2010, em que recebemos imagens sobre a polémica que uma cruz erigida, na Polónia, em memória das vítimas da queda do avião que transportava a comitiva do presidente Lech Kaczynski estava a causar. Ao visionar apercebi-me que a cruz exibida não podia ser a causadora da controvérsia, pois estava longe de ter as dimensões referidas no telex desse dia e de datas anteriores. Avisei o editor que essas imagens poderiam induzir em erro os telespectadores, mas ele disse-me que como não dispúnhamos de outras, tínhamos de as utilizar.

Como sublinhou Wolf (2009: 236), «a distorção informativa pode ir até à escolha de um certo serviço filmado a que se tenta, depois, “colar” os despachos de agência que tenham alguma relação com o assunto».

Aconteceu também, por diversas vezes, os chefes de edição escolherem *soundbites* que eu e os meus colegas tínhamos dificuldades em entender, por desconhecimento do contexto ou da pergunta que tinha originado aquela resposta (frequentemente, as informações enviadas pelas agências são omissas quanto a estes elementos tão fundamentais), serem usadas expressões ou termos pouco claros, mesmo para os falantes daquela língua, ou por as declarações já terem sido traduzidas, o que nem sempre é feito da melhor maneira. Fazer uma nova tradução do que já foi traduzido, por vezes sem ter certezas, pode distorcer o sentido⁴³.

Com o sucesso das redes sociais, estas tornaram-se também uma fonte fácil, mas perigosa, como vimos no ponto anterior deste relatório. Os jornalistas recorrem, cada vez mais, ao *Twitter* e ao *Facebook* para obter informações, sobretudo de locais aonde, por vezes, não têm acesso ou onde enfrentam sérias restrições.

Lembro-me, por exemplo, de isso ter acontecido durante os protestos que se seguiram às eleições presidenciais de 2009 no Irão, de onde, a partir de determinada altura, só chegavam imagens de duas fontes: os media oficiais iranianos e as redes

⁴³ O problema das traduções não se limita apenas aos *soundbites*. Nos meios internacionais, sobretudo naqueles como a *SBS Radio* ou o *Euronews*, que emitem em várias línguas, os jornalistas passam muito tempo a traduzir, sejam entrevistas, informações contidas em telexes ou até reportagens efectuadas por colegas de outras nacionalidades. Por melhores conhecimentos que os profissionais tenham de uma língua estrangeira há sempre expressões ou termos técnicos que levantam dúvidas quanto à tradução mais adequada, até porque, muitas vezes, são específicos de um determinado país, de uma determinada cultura ou língua. Vários jornalistas usam o *Google Translator* para traduzir textos inteiros, o que pode originar graves erros se o resultado não for devidamente verificado. Muitas vezes, este serviço traduz, precisamente, o contrário do sentido original.

sociais. Se quanto aos órgãos do regime não havia dúvidas de serem um veículo de propaganda, o que é que nos garantia que o *Twitter* ou o *YouTube* também não eram usados para os mesmos fins pela oposição? Ou mesmo pelo governo ou serviços secretos? Como verificar de forma independente as imagens e as informações divulgadas? Estas questões voltaram a colocar-se com a situação na Síria.

No *Euronews*, recebemos orientações sobre como lidar com as redes sociais assim que estas se tornaram um fenómeno. O editor-chefe, Peter Barabas, enviou um *e-mail* a todos os elementos da redacção (ver anexo VI), estabelecendo algumas regras como a necessidade de «verificar sempre cuidadosamente a autenticidade do conteúdo publicado nestas arenas virtuais, embora na maioria das vezes isto não seja possível» e de o canal informar os telespectadores quando não conseguir confirmar a autenticidade da informação ou das imagens. Barabas recusa o argumento «mas os outros também estão a usar isto» e diz que em caso de dúvida, «é mais seguro não usar o conteúdo»⁴⁴.

Este «guia geral» refere também que se deve escrever sempre no condicional para as imagens retiradas das redes sociais, usando frases do género «parece mostrar», e que estes conteúdos devem ser sempre atribuídos. O responsável alerta, ainda, que a «informação publicada por particulares no Twitter, Facebook ou outros micro-blogging websites não pode ser usada como fonte primária»⁴⁵, mas apenas como pistas que devem ser confirmadas.

As *dopesheets* apresentadas no anexo VII demonstram como as agências, neste caso a Reuters, enviam para as redacções vídeos retirados das redes sociais, cujo conteúdo não pôde ser «verificado de forma independente». E as televisões acabam por não resistirem a divulgá-los, mesmo sem saberem quem os colocou online, com que intuito, nem terem a certeza do que significam ou de onde foram filmados. Podem até não ter nada a ver com o assunto em questão.

⁴⁴ Tradução da autora.

⁴⁵ Tradução da autora.

O *Euronews*, por exemplo, transmitiu no dia 12 de Agosto de 2012 uma notícia sobre a Síria⁴⁶, que começava com um vídeo de alegadas execuções sumárias no país. Estas imagens foram distribuídas pela Eurovisão, cuja *dopesheet* (ver anexo VIII) indicava: «Este material foi obtido através dos media sociais, e a Eurovisão tomou medidas para determinar a sua autenticidade e a integridade editorial, incluindo um processo de validação por uma agência especialista. O resultado deste processo indica que o mais provável é que este item seja credível. Mas tenha em atenção que apesar deste processo, a natureza dos media sociais torna impossível garantir incondicionalmente a sua autenticidade»⁴⁷.

Seguindo a política editorial do canal pan-europeu, a jornalista diz na sua peça (ver anexo IX) que «não foi possível confirmar a autenticidade do vídeo» e que «estas imagens terão sido captadas na cidade de Aleppo onde supostos elementos do regime parecem ser atirados de edifícios».

Estes casos retirados da minha experiência profissional demonstram que numa busca obsessiva da imediatez, os meios de comunicação abdicam de aprofundar, confirmar ou de ir à procura de informação. Avançam com notícias, mesmo que estas não estejam confirmadas, refugiando-se no facto de informarem os telespectadores dessa limitação.

A prática profissional confirma, assim, a teoria, abordada no ponto anterior, acerca dos procedimentos utilizados nas redacções. A resposta à questão inicial, «Será que o “jornalismo de secretária” nos media internacionais está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros?», sai reforçada, perante as evidências de que se difundem informações não confirmadas, imagens que podem induzir em erro os espectadores ou notícias baseadas em telexes com dados contraditórios. Mais uma vez, trata-se de material que chega aos órgãos de comunicação via agências noticiosas, que parecem, de facto, gozar de uma credibilidade acima de qualquer suspeita, ou redes sociais.

⁴⁶ Pelo menos o texto deve continuar disponível em <http://pt.euronews.com/2012/08/12/novas-imagens-de-execuces-sumarias-na-siria/>

⁴⁷ Tradução da autora.

O uso destas fontes foi um dos tópicos abordados no inquérito a que submeti alguns colegas de trabalho, cujos resultados vão ser apresentados no próximo ponto.

2.3 Testemunhos de outros jornalistas

Após a apresentação de alguns problemas que tenho sentido ao exercer «jornalismo de secretária», parece-me importante abrir a reflexão a outros colegas, para ver até que ponto a sua experiência corrobora a minha, bem como os estudos dos diversos autores citados no enquadramento teórico. Num primeiro momento, explicarei o método escolhido para o fazer, analisando, posteriormente, os resultados obtidos.

2.3.1 Metodologia

Para ajudar a responder à pergunta inicial, elaborei um questionário (ver anexo XI), que foi aplicado a antigos e actuais colegas de profissão. Perceber quais são as fontes mais utilizadas no «jornalismo de secretária», nomeadamente o recurso às redes sociais; se os jornalistas costumam confirmar as informações obtidas através das agências noticiosas, Internet, *press releases* e outros meios de comunicação; e quais são as principais dificuldades que os profissionais encontram ao elaborar notícias sem sair da redacção foram alguns dos objectivos que nortearam a sua construção.

Decidi também que o questionário podia lançar um debate: «Considera que se pode designar como jornalismo a elaboração de notícias com base em informações obtidas através de agências noticiosas, outros meios de comunicação social, gabinetes de comunicação e/ou Internet, sem que estas sejam confirmadas?» Foram pedidos argumentos para qualquer uma das respostas.

Para avaliar a fiabilidade e a validade do questionário⁴⁸, testei-o junto de alguns colegas portugueses e estrangeiros. Através da aplicação do pré-teste (ver anexo X), constatei a necessidade de acrescentar uma pergunta aberta (ver questão n.º 9 do anexo XI), para que os jornalistas explicassem como confirmavam as informações, no caso de responderem, afirmativamente, à questão n.º7. É que no pré-teste, houve inquiridos que disseram efectuar a confirmação, mas não assinalaram, na resposta à pergunta n.º6, a opção «telefone», que eu tinha introduzido, propositadamente, apesar de não ser uma fonte, mas uma maneira de contactar as fontes, por me parecer uma das poucas ferramentas de que um «jornalista de secretária» dispõe para o fazer.

Constituído por quinze perguntas, abertas⁴⁹ e fechadas, o questionário foi submetido a 62 antigos e actuais colegas de várias nacionalidades, que efectuam, na maior parte do tempo ou mesmo sempre, «jornalismo de secretária». Trata-se, assim, de uma amostragem não probabilística de casos típicos.

Optei por inquirir apenas profissionais ligados a órgãos internacionais, que emitem em várias línguas, pois, segundo a minha experiência, é nesses meios que a situação atinge uma maior dimensão, uma vez que os custos de enviar um repórter a outro país ou ter um correspondente no local são muito elevados.⁵⁰

Os inquiridos são jornalistas, de todas as áreas de informação, que trabalham a tempo inteiro para o *Euronews*, o *Eurosport* e a *SBS Radio*, e *freelancers* que colaboram com o canal de notícias pan-europeu, mas também com outros meios de comunicação, como a *France 24*, a *TV5 Monde*, a *Associated Press Television News – Horizons*, a

⁴⁸ Como pretendia inquirir jornalistas de diferentes países, criei duas versões do questionário: uma portuguesa e outra inglesa. Para que os falantes de outras línguas não sentissem limitações nas perguntas abertas, dei-lhes a possibilidade de responderem também em francês ou espanhol.

⁴⁹ Optei por efectuar várias perguntas abertas, pois apesar de ser mais difícil o seu tratamento, estas permitem um maior aprofundamento, que nos fornece explicações, detalhes e opiniões enriquecedores para a investigação.

⁵⁰ Nos meios de comunicação nacionais e regionais onde estagiei e trabalhei fazia-se mais trabalho de reportagem do que nos internacionais, apesar de a tendência ser os jornalistas produzirem a informação sem sair da redacção. No entanto, mesmo nestes casos os profissionais tinham por norma uma postura mais pró-activa na procura de notícias, usando o telefone, ao qual também recorriam para confirmar informações que lhes chegavam. Claro que a pressão do tempo, sobretudo nos regionais, era muito inferior à existente nos órgãos internacionais.

ABC/Punto Radio, o *El Periódico de Catalunya*, a *Swissinfo*, a Rádio Renascença ou a Antena 1.

2.3.2 Resultados

Os questionários foram submetidos a um tratamento estatístico, cujos resultados serão analisados neste ponto. Depois da caracterização dos inquiridos, vão ser apresentados os dados que permitirão responder à pergunta inicial. Para uma última fase ficam reservadas as dificuldades sentidas pelos jornalistas que efectuem o seu trabalho sem sair da redacção e uma reflexão: Será que se pode designar como jornalismo a elaboração de notícias com base em informações obtidas através de agências noticiosas, outros meios de comunicação social, gabinetes de comunicação e/ou Internet, sem que estas sejam confirmadas?

2.3.2.1 Caracterização dos inquiridos

Como se pode ver na Tabela 1, a maior parte dos inquiridos, 54,8%, é do sexo feminino. Este valor vai ao encontro da ideia de que há cada vez mais mulheres nas redacções, embora se possa levantar a questão da sua representatividade nos cargos de decisão, que não é, no entanto, tema do presente estudo.

Tabela 1 – Sexo dos inquiridos

Sexo	N.º de jornalistas	%
Feminino	34	54,8
Masculino	28	45,2

Metade dos jornalistas pertence à faixa etária dos 31 aos 40 anos. Os restantes têm sobretudo entre 20 e 30 anos (24,2%) e entre 41 e 50 anos (21%), o que significa que há cerca de três vezes mais jornalistas com 40 anos ou menos do que com mais de 41 (ver Tabela 2). A média de idades aproxima-se dos 36 anos, sendo que o elemento mais novo tem 26 anos, enquanto o mais velho tem 57.

Tabela 2 – Idade dos inquiridos

Faixa etária	N.º de jornalistas	%
20-30	15	24,2
31-40	31	50
41-50	13	21
Mais de 50	2	3,2
Não responde	1	1,6

Quanto à nacionalidade dos entrevistados, predominam os portugueses (24,2%), os espanhóis (17,7%), os franceses e os italianos (com 11,3% cada). Há, ainda, 16,1% de pessoas de outras nacionalidades que não as especificadas na Tabela 3.

Tabela 3 – Nacionalidade dos inquiridos

Nacionalidade	N.º de jornalistas	%
Portuguesa	15	24,2
Espanhola	11	17,7
Francesa	7	11,3
Italiana	7	11,3
Britânica	4	6,5
Turca	4	6,5
Alemã	3	4,8
Outras	10	16,1
Não responde	1	1,6

Em termos de formação (ver Tabela 4), a quase totalidade dos inquiridos tem estudos superiores, com destaque para o grande número de mestres (43,5%) e licenciados (24,2%). Só uma pessoa não frequentou a universidade, tendo como habilitações literárias o ensino secundário. A maioria dos jornalistas (77,4%) tem formação na sua área profissional.

Tabela 4 – Habilitações Literárias dos inquiridos

Habilitações	N.º de jornalistas	%
Mestrado	27	43,5
Licenciatura	15	24,2
Bacharelato	11	17,7
Doutoramento	4	6,5
Ensino Secundário	1	1,6
Outras	2	3,2
Não responde	2	3,2

A quase totalidade dos jornalistas dedica-se à televisão (96,8%), mas uma parte destes trabalha, simultaneamente, para rádios (11,7%), jornais ou revistas (11,7%) e multimédia (13,3%).

2.3.2.2 Práticas jornalísticas relativas às fontes de informação

Tal como faziam prever a reflexão sobre a minha carreira profissional e o enquadramento teórico efectuados nos pontos anteriores, a maior parte dos jornalistas usa a Internet e as agências noticiosas no seu trabalho de secretária (ver Tabela 5). Mais de 98% dos profissionais usam a primeira, enquanto cerca de 95% recorrem à segunda.

Tabela 5 - Fontes utilizadas pelos jornalistas

Fontes	Nº de jornalistas	%
Internet	61	98,4
Agências noticiosas	59	95,2
Jornais/revistas	38	61,3
Canais de televisão	34	54,8
<i>Press releases</i>	27	43,5
Guiões ou notícias redigidos por colegas do mesmo órgão	22	35,5
Telefone	21	33,9
Rádio	18	29
Outras	3	4,8

As outras fontes obtêm valores muito menos elevados, mas atente-se nas percentagens de jornalistas que dizem usar jornais/revistas (61,3%), canais de televisão (54,8%) e rádio (29%). A minha experiência indica-me que, muitas vezes, os órgãos de comunicação social utilizam informações uns dos outros, sem se citarem. Só em casos de notícias exclusivas, e como tal demasiado flagrantes, costuma acontecer o contrário.

Aproximadamente 44% dos profissionais recorrem aos *press releases*. Apenas cerca de 34% dos inquiridos se servem do telefone para contactar as fontes, uma

ferramenta que quando eu comecei a estagiar, em 1998, no Rádio Clube de Penafiel era imprescindível quer para procurar, quer para confirmar a informação.

Quando interrogados sobre se costumam confirmar as informações que obtêm através destas fontes, 62,9% dos jornalistas dizem que sim, enquanto 29% negam fazê-lo. Os restantes 8,1% respondem «às vezes». Depois de ter aplicado o inquérito, percebi que deveria ter formulado a questão número sete (ver anexo XI), que deu origem a estes dados, de outra maneira. Considerei que ao iniciar a pergunta por «costuma» ficava implícita a ideia de «às vezes», mas nem todos os inquiridos o entenderam desta forma e alguns assinalaram as duas hipóteses de resposta: «sim» e «não». Na fase de tratamento dos dados tentei minimizar esta falha, criando a categoria «às vezes», na qual incluí estes casos.

Na questão número nove (ver anexo XI), uma pergunta aberta, o cruzamento de dados com outras fontes (agências, notícias de outros meios de comunicação ou Internet) é uma das formas utilizadas para confirmar a informação, por 86% dos jornalistas que cumprem esta regra base do jornalismo. O telefone e/ou o e-mail é usado, por vezes, por cerca de 36% dos profissionais. Confirmar com os colegas é uma opção para quase 14% (ver Tabela 6).

Tabela 6 – Formas utilizadas para confirmar as informações

Formas	N.º de jornalistas	%
Cruzamento de dados	38	86
Telefonemas/ e-mails	16	36,4
Confirmação com colegas	6	13,6
Outras	1	2,3

Apesar de estes profissionais demonstrarem uma preocupação em apurar as informações que lhes chegam, pergunto até que ponto se pode considerar confirmação comparar os dados de diferentes fontes, uma vez que, como referi, no ponto 2.2, há, frequentemente, divergências nos telexes das diversas agências e, muitas vezes, os

outros órgãos de comunicação «bebem» dessas fontes ou utilizam as informações uns dos outros⁵¹.

Além disso, alguns dos inquiridos referem que tiram partido do facto de a redacção ser multicultural para confirmar a informação com os colegas dos países a que as notícias dizem respeito. Ora, o facto de o jornalista ser proveniente desse país não significa, por si só, que esteja (bem) informado sobre o assunto e possa esclarecer eventuais dúvidas.

Uma análise à Tabela 7 indica-nos que os profissionais que não confirmam as informações assinalam como principais razões a fiabilidade das fontes utilizadas (83,3%) e a falta de tempo (72,2%). Em terceiro lugar, surge o facto de a política editorial da empresa não o exigir (50%).

Tabela 7 – Razões para não confirmar as informações

Razões	N.º de jornalistas	%
Fontes utilizadas são fiáveis	15	83,3
Falta de tempo	13	72,2
Política editorial da empresa não o exige	9	50
Outras	2	11,1

Realce-se que entre os inquiridos que consideram as fontes fiáveis estão profissionais que dizem utilizar, por exemplo, *press releases*, documentos que, como foi realçado no ponto 1.3.1, precisam de ser filtrados e devem ser apenas um ponto de partida para o trabalho jornalístico.

⁵¹ Um exemplo paradigmático é a secção "Mundo" do JN, que há já algum tempo se transformou numa espécie de revista de imprensa. Quase diariamente, encontro notícias - cheguei a ver três numa edição - que citam outros órgãos de comunicação social (El Mundo, Euronews, CNN, etc.). Não se trata de cachas, mas de assuntos abordados pela generalidade da comunicação social e em que alguns dos media citados se basearam, pura e simplesmente, em agências.

Como vimos no início desta análise, a Internet é a fonte mais utilizada pelos inquiridos. Os sítios mais consultados (ver Tabela 8) são, de longe, os de órgãos de comunicação, referidos por 82,3% dos jornalistas.

Muito mais atrás aparecem as páginas oficiais e institucionais (30,6%) e os motores de busca (19,4%). A Wikipédia, que, como indiquei no ponto 2.1, foi proibida de ser utilizada como fonte pelos jornalistas da AFP, é mencionada por 11,3% dos profissionais, sendo que alguns deles referem ter o cuidado de tentar confirmar as informações deste sítio, comparando, por exemplo, os conteúdos nas diferentes línguas existentes.

Tabela 8 – Sítios da Internet consultados pelos inquiridos

Sítios da Internet	N.º de jornalistas	%
Órgãos de comunicação	51	82,3
Páginas oficiais e institucionais	19	30,6
Motores de Busca	12	19,4
Wikipédia	7	11,3
Media Sociais	5	8,1
Outros sítios	8	12,9

As redes sociais surgem no fundo da Tabela 8, quando a questão é «Quais os sítios que costuma consultar?», mas o valor dispara se é perguntado directamente «utiliza as redes sociais como fontes?». Quase 42% dos jornalistas respondem que sim. O *Twitter* é usado por 76,9% destes profissionais, o *Facebook* por 50% e as outras redes por 19,2%. Esta discrepância de valores entre as duas perguntas poderá ser explicada pelo facto de o enunciado da questão em que se regista o valor mais baixo não especificar as redes sociais e a resposta ser aberta, o que pode, eventualmente, ter feito com que os inquiridos se esquecessem de as mencionar.

A Tabela 9 mostra-nos que os media sociais são utilizados em casos de restrições ou dificuldades no acesso à informação, por cerca de 46% dos inquiridos, e para citar figuras públicas que usam as redes para fazerem declarações, por 34,6% dos profissionais. Das respostas da maior parte dos jornalistas transparece um especial cuidado na maneira como usam os media sociais, revelando uma consciência dos problemas relacionados com este tipo de fonte, abordados nos pontos 2.1 e 2.2.

Tabela 9 – Casos em que os inquiridos recorrem às redes sociais

Casos	N.º de jornalistas	%
Restrições/ dificuldades no acesso à informação	12	46,2
Declarações de figuras públicas	9	34,6
Outros casos	7	26,9
Não responde	1	3,8
Resposta nula	1	3,8

2.3.2.3 Reflexão sobre o «jornalismo de secretária»

A falta de verificação ou as dificuldades para confirmar as informações (ver Tabela 10) é o principal problema sentido pelos inquiridos (43,5%) quando elaboram notícias sem sair da redacção. O distanciamento da realidade/ falta de abordagem humana e as limitações da informação disponível são outras dificuldades apontadas por 37,1% e 35,5% dos profissionais, respectivamente.

À excepção de 6,5% dos jornalistas, que não encontram obstáculos, cada profissional aponta várias dificuldades. Se para uma parte das respostas foi possível criar categorias, para outras, face à sua diversidade, tornou-se impossível agrupá-las. Daí os 21% registados na categoria «outras», que inclui desde a falta de fontes até ao facto de as histórias produzidas serem vagas e não se distinguirem das difundidas pelos outros órgãos de comunicação.

Tabela 10 – Dificuldades sentidas pelos «jornalistas de secretária»

Dificuldades	N.º de jornalistas	%
Falta de verificação ou dificuldades em confirmar a informação	27	43,5
Distanciamento da realidade/ falta de abordagem humana	23	37,1
Limitações da informação disponível	22	35,5
Sentir que se reescreve as histórias dos outros	3	4,8
Outras	13	21
Não sente dificuldades	4	6,5

Dois dos jornalistas que se queixam da distância face à realidade sobre a qual têm de escrever, expressam-no de uma forma curiosa. Um colega turco diz que «na maior parte do tempo se sente desligado da vida real. Todas as histórias começam a parecer um programa de televisão ao final de algum tempo»⁵². Este sentimento é partilhado por uma jovem francesa, que afirma: «Escrever as notícias torna-se realmente neutro e parece que estamos a escrever um livro, como ficção. [...] Mesmo que não devamos transmitir opiniões ou emoções, ajuda a escrever uma história o facto de se estar no terreno, porque se capta “a essência” da situação. Jornalismo é encontrar, ouvir as pessoas. Agora somos apenas escritores, não contadores de histórias»⁵³.

Os dados obtidos com a aplicação do questionário também mostram que, quando muito, os jornalistas reescrevem – podem limitar-se a copiar – as informações que

⁵² Tradução da autora.

⁵³ Tradução da autora.

obtêm através de agências noticiosas, *press releases*, Internet e de outros órgãos de comunicação social. Apenas uma minoria usa o telefone para procurar ou confirmar a informação. Para a maioria dos inquiridos, a confirmação das notícias consiste no cruzamento de dados provenientes de fontes secundárias, um método que está muito longe de ser fiável, até porque, como vimos anteriormente, muitas vezes, as informações são diferentes ou mesmo contraditórias.

A maioria dos jornalistas (51,6%) considera que se pode designar como jornalismo a elaboração de notícias com base em informações obtidas através de agências noticiosas, outros meios de comunicação social, gabinetes de comunicação e/ou Internet, sem que estas sejam confirmadas. «Não» é a resposta de 30,6% dos inquiridos.

Mais uma vez, houve inquiridos que assinalaram as duas hipóteses de resposta («sim» e «não»), pelo que, na fase de tratamento estatístico, senti a necessidade de acrescentar uma categoria, de forma a abordar, correctamente, os dados. Surgiu, assim, a categoria «nim», em que se incluem 17,7% dos inquiridos.

Além disso, creio que deveria ter formulado a pergunta de outra maneira, de forma a não colocar no mesmo barco as agências noticiosas e os gabinetes de comunicação. No entanto, não me parece que a investigação tenha ficado comprometida, até porque os inquiridos tiveram a possibilidade de explicar a sua resposta na pergunta seguinte e alguns fizeram essa distinção.

Por me parecer mais interessante partilhar as respostas obtidas na última questão, em que se pedia argumentos para justificar se se tratava ou não de «jornalismo de secretária», do que as tratar de uma forma estatística, optei por seleccionar e apresentar diferentes pontos de vista, de maneira a alimentar o debate.

Entre os partidários do sim está um jornalista britânico, que quando lhe são pedidos argumentos para justificar a sua posição atira com uma pergunta: «É suposto centenas ou milhares de jornalistas de todo o mundo telefonarem pessoalmente para o Palácio de Buckingham para verificar se a informação [o Príncipe Filipe ter sido internado] é correcta?» E acrescenta: «A ideia que APENAS um repórter no terreno pode ser considerado um jornalista ou que os escritores confinados às secretárias têm

falta de credibilidade é absurda». Realçando a sua «longa experiência» enquanto repórter, afirma que «por vezes, pode ser MAIS DIFÍCIL confirmar a informação no terreno»⁵⁴.

Fazendo uma distinção entre os meios de comunicação mencionados na pergunta, alguns jornalistas defendem que os telexes das agências noticiosas dispensam confirmação. «Não acredito que com um telefonema se consiga confirmar, de facto, a veracidade de uma história. Estar no local do acontecimento é fundamental e, não conseguindo ir ao terreno, as agências de notícias são a fonte mais fidedigna», justifica uma colega portuguesa. Seguindo esta linha, um jornalista francês acrescenta que «o papel das agências noticiosas consiste em efectuar o trabalho de confirmação».

Estas duas últimas respostas vêm ao encontro dos resultados da investigação efectuada pelas autoras Jane Johnston e Susan Forde (2011: 200), que indicam que «o material noticioso das agências parece largamente imune a um escrutínio sério» (ver ponto 2.1).

Um inquirido, de nacionalidade portuguesa, considera que mesmo que não esteja no terreno, «o jornalista desempenha um importante papel na selecção da informação, na sua confirmação e na exposição da história. Ainda que não acompanhe a notícia desde o início, o jornalista tem um papel de filtro e de decodificador das mensagens das agências de comunicação, da Internet e até de outros meios de comunicação».

Outro colega britânico admite que «talvez seja jornalismo preguiçoso se efectuado repetidamente, mas que deve ser na mesma considerado jornalismo»⁵⁵. E argumenta que não é preciso confirmar a informação desde que se cite a fonte. A mesma opinião tem um jornalista franco-russo, que diz mesmo que «não é preciso a informação ser verificada (ou verdadeira) para que a actividade seja considerada jornalismo»⁵⁶.

⁵⁴ Tradução da autora.

⁵⁵ Tradução da autora.

⁵⁶ Tradução da autora.

Um profissional português defende que é jornalismo «desde que seja feita a devida ressalva de que a origem da notícia ou imagens não pôde ser confirmada», como acontece no caso do conflito na Síria.

Estas últimas três opiniões vêm corroborar a mudança na política editorial dos órgãos de comunicação social, que já tínhamos visto no início do ponto 2.1, e depois confirmada pelo *e-mail* enviado pelo editor-chefe do *Euronews* aos jornalistas, revelado no ponto 2.2. Hoje, quando há dúvidas, avança-se, na mesma, com as notícias, usando uma fórmula que indique que não foram confirmadas.

Dois inquiridos portugueses defendem que para se poder considerar jornalismo não basta confirmar os elementos fornecidos pelas fontes mencionadas na pergunta. É preciso acrescentar outras informações. «Caso se limitem a copiar e colar não se trata de jornalismo, a notícia já foi feita antes».

Outros dois colegas, de nacionalidade turca, sublinham que o jornalismo «é todo um processo de produção»⁵⁷ e que só pelo facto de informarem os telespectadores, mesmo que isso resulte sobretudo de um trabalho de tradução, já pode ser designado como tal.

Esta visão é contrariada por um colega ucraniano, partidário do «não», que considera que «jornalista não é uma pessoa que escreve no computador, mas que procura informação, investiga, faz entrevistas, produz histórias, etc. Por outras palavras, deve participar do início ao fim no processo chamado “produção de notícias”»⁵⁸.

«Para mim, jornalismo é contar algo que vemos e que podemos verificar, mas nós não fazemos isto. Não estamos em frente à acção, mas a um computador e a única coisa que podemos fazer é copiar a informação e as visões dos outros»⁵⁹, afirma um espanhol.

Uma jovem russa aprendeu que «um jornalista é alguém que vai à caça da informação, cria uma lista de fontes e depois escolhe o ângulo da sua história»,

⁵⁷ Tradução da autora.

⁵⁸ Tradução da autora.

⁵⁹ Tradução da autora.

enquanto «o trabalho de um “desk” pode ser comparado ao trabalho de um carteiro, que entrega algo feito pelos outros ao cliente»⁶⁰.

O distanciamento face à realidade prejudica a qualidade das notícias, como alerta uma jornalista belga: «O texto não é totalmente nosso. Escrevemos a partir dos olhos, da perspectiva de outra pessoa, de outro país. Não reflecte a realidade»⁶¹. «Ao publicar uma informação baseada apenas em telexes, há um elevado risco de haver uma má interpretação dos factos»⁶², explica uma colega italiana.

«Faz também falta sentido crítico com os gabinetes de comunicação, que (logicamente) apresentam as coisas tal como interessa à empresa a que pertencem»⁶³, defende uma profissional espanhola, que também coloca reservas quanto à utilização do *Twitter*.

«Não confirmar informações, sejam elas das agências noticiosas ou de outros meios, é amputar o trabalho do jornalista. Limitar-se a repetir o que dizem os outros media é o que dita a diferença entre um jornalista e um tradutor/redactor»», realça uma profissional portuguesa, que lembra que «mesmo que se elaborem notícias sem sair da redacção, há sempre um telefone na secretária».

Outro inquirido, espanhol, sublinha que «isto já não é jornalismo. O verdadeiro jornalismo exige muito tempo e os meios de comunicação actuais só procuram rapidez e imediatez»⁶⁴.

Entre os jornalistas que não conseguem decidir-se entre o «sim» e o «não», há quem defenda que «como regra fundamental é necessário confirmar as informações», mas abra uma excepção para um tipo de fonte: «Quando estas nos chegam de agências noticiosas, temos de confiar nos jornalistas que as elaboram».

⁶⁰ Tradução da autora.

⁶¹ Tradução da autora.

⁶² Tradução da autora.

⁶³ Tradução da autora.

⁶⁴ Tradução da autora.

Uma colega italiana também responde «nim» à penúltima pergunta do questionário (ver anexo XI), porque se, por um lado, «são transmitidas notícias, ou seja, um facto é reportado por um jornalista ao público», e há uma tentativa de se ser «o mais imparcial e rigoroso possível», por outro, «o problema consiste em que a confirmação é apenas efectuada através de fontes secundárias (internet, jornais, etc)», o que, na sua opinião, limita o trabalho e acarreta o risco de distorcer a informação.⁶⁵

«Eu dou algumas notícias, mas não faço as notícias. Para mim, parece-me mais um trabalho de reescrita»⁶⁶, diz uma colega francesa, que não encontra resposta para a pergunta.

Reescrever parece ser, assim, uma das tarefas destes jornalistas, que presos a uma secretária, compilam a informação de agências noticiosas, Internet, *press releases* e outros órgãos de comunicação social. Só uma minoria usa o telefone para procurar ou confirmar a informação. Perante estes procedimentos, parece não haver dúvidas que o «jornalismo de secretária» nos meios internacionais está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros, com todos os perigos que isso acarreta.

Um deles é a homogeneidade de informação (ver ponto 2.1), alerta Carmen Garcia Gomez, que trabalha desde 1996 na Coordenação do *Euronews*. Numa pequena entrevista⁶⁷, que realizei para complementar os resultados do inquérito, a jornalista espanhola explica as limitações dos conteúdos fornecidos pelas agências: «As televisões começaram a cortar nos correspondentes. Temos todos as mesmas imagens e o mesmo ângulo, que é demasiado austero. Não há análise, nem *background*. É difícil fazer algo em profundidade, porque as agências apostam na imediatez. São muito limitadas no que informam, mas não costumam falhar». E sublinha: «O que não lhes interessa como

⁶⁵ Tradução da autora.

⁶⁶ Tradução da autora.

⁶⁷ A entrevista realizou-se a 19 de Maio de 2012. Como no *Euronews* não são os jornalistas que escolhem as imagens provenientes das agências (ver ponto 1.2.8), achei necessário recolher o testemunho de alguém que participasse nesse processo de selecção. Pela sua larga experiência neste tipo de funções, pareceu-me que Carmen Garcia Gomez seria a pessoa indicada. Numa pequena entrevista semi-estruturada, perguntei-lhe quais eram as principais vantagens e limitações dos conteúdos provenientes das agências, se se recordava de erros graves e se chegavam à redacção muitas imagens obtidas através das redes sociais.

notícia, não vai ser notícia. Se à Reuters e à APTN não lhes interessa, por motivos económicos, estar no Ruanda, simplesmente não cobrem o que lá se passa»⁶⁸.

⁶⁸ Tradução da autora.

Conclusão

Síntese

A falta de meios físicos e humanos, a dependência dos assessores de imprensa, as pressões exercidas pelas fontes de informação, a obrigatoriedade de encher páginas de jornais sem que haja notícias que o justifiquem, a febre dos directos e o recurso excessivo às agências noticiosas foram alguns dos problemas que encontrei até agora na minha carreira jornalística. Tentei sempre ultrapassá-los, sem pôr em causa o meu profissionalismo e os princípios éticos e deontológicos que me foram inculcados durante a Licenciatura em Comunicação Social.

Algumas das questões acima referidas inserem-se numa outra mais abrangente: «o jornalismo de secretária», que existe em todos os órgãos de comunicação social. Em maior ou menor escala. Mais ou menos dependente das agências noticiosas e/ou dos assessores de imprensa. Mais reactivo ou mais pró-activo. Com melhores ou piores condições para ser bem feito. Mas foi, sem dúvida, nos órgãos internacionais que vi o problema assumir dimensões mais preocupantes.

«Será que o “jornalismo de secretária” nos media internacionais está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros?», foi a pergunta inicial à qual se procurou responder na segunda parte deste relatório de actividade profissional.

Os estudos mencionados no enquadramento e fundamentação teórica confirmaram a minha experiência enquanto jornalista, demonstrando uma dependência dos meios de comunicação social em relação às agências noticiosas e aos gabinetes de relações públicas. Os investigadores denunciam que os telexes parecem isentos de qualquer escrutínio sério, sendo, frequentemente, difundidos *ipsis verbis* pelos media, mesmo quando são decalcados de um *press release*. O facto de se copiar, sem se questionar ou investigar, faz com que eventuais erros se reproduzam.

As agências noticiosas enviam, cada vez mais, para as redacções conteúdos retirados dos media sociais, mesmo que não tenham podido confirmá-los de forma independente. Isto acontece sobretudo quando há restrições ou dificuldades no acesso à informação, como se passou no Irão, em 2009, e se passa, actualmente, na Síria. Há

órgãos de comunicação que utilizam essas imagens e informações, ainda que com a ressalva de que não puderam ser verificados.

Os resultados do questionário realizado no âmbito deste relatório mostram que quase todos os jornalistas usam a Internet e as agências noticiosas como fontes. Assinale-se também um recurso considerável a outros órgãos de comunicação social, com destaque para os jornais/ revistas e canais de televisão, e aos *press releases*. Apenas uma minoria usa o telefone para procurar informação.

Os *websites* de órgãos de comunicação são as páginas da Internet mais consultadas pelos inquiridos, o que reforça a ideia de que os media utilizam as informações uns dos outros, muitas vezes sem atribuírem as notícias.

Menos de metade dos inquiridos usa as redes sociais como fonte, sobretudo em casos de restrições ou dificuldades no acesso à informação ou quando algumas figuras públicas utilizam as suas contas no *Facebook* ou *Twitter* para efectuarem declarações.

Quase 63% dos inquiridos disseram confirmar as informações. No entanto, o cruzamento de dados com telexes, notícias de televisões, rádios e jornais, ou sítios da Internet, é o método mais usado pelos jornalistas, o que não constitui uma verdadeira confirmação.

A falta de verificação ou as dificuldades em confirmar as informações é, precisamente, o principal problema sentido pelos jornalistas que escrevem as notícias sem sair da redacção.

Aproximadamente 62% dos jornalistas consideram que se pode designar como jornalismo a elaboração de notícias com base em informações obtidas através de agências noticiosas, outros meios de comunicação social, gabinetes de comunicação e/ou Internet, sem que estas sejam confirmadas. Vários jornalistas argumentaram que a confirmação é dispensável, desde que se diga, na notícia, não ter sido possível verificar a informação ou se cite a fonte, abdicando de uma regra base da profissão.

Ao longo deste relatório demonstrou-se que cortar, copiar e reescrever telexes, *press releases* ou notícias de outros órgãos tornou-se uma rotina nas redacções dos meios internacionais. Sujeitos, muitas vezes, a condições precárias, os profissionais têm pouco espaço de manobra para recusar práticas que sabem estar bem longe daquilo que

estudaram, analisaram e discutiram na universidade. As redacções transformaram-se em fábricas de notícias. O jornalismo deu lugar ao *churnalism*. A informação tornou-se mais homogénea.

Reflexão

Hoje, quando leio, por exemplo, as secções de informação internacional de alguns jornais portugueses, deparo-me quase sempre com notícias que citam outros órgãos de comunicação, mesmo que, em alguns casos, estes últimos tenham tido como única fonte as agências. A prática tornou-se mais evidente depois dos despedimentos colectivos efectuados por várias empresas. Reconheço também, facilmente, os telexes, que sofreram poucas ou nenhuma alteração. Numa lógica puramente economicista, cortou-se na produção própria, deixando-se de oferecer uma informação diferenciada, de qualidade.

As notícias de âmbito internacional das televisões também são, na sua maioria, provenientes das agências. De vez em quando, no meio das histórias que vemos em todos os canais, nacionais e internacionais, lá aparece uma reportagem de um correspondente ou de um enviado especial. No entanto, os temas e os países cobertos são sempre os mesmos. São sempre os mesmos que têm voz, são sempre os mesmos que são notícia.

As rádios recorrem, cada vez menos, aos correspondentes, mesmo que lhes paguem apenas 30 ou 40 euros por serviço. Conheço jornalistas portugueses e espanhóis que, por este preço, preparam as suas intervenções sem sair de casa, reproduzindo o que encontram na Internet e nos outros meios de comunicação, com o conhecimento dos responsáveis dos órgãos para os quais trabalham.

Muitos profissionais estão, assim, reduzidos às funções de compilar, seleccionar, organizar, traduzir e, quando muito, reescrever a informação, o que lança uma questão: serão jornalistas ou *curators*? «Nem todos os curators são jornalistas, mas todos os jornalistas de sucesso são curators. A diferença é que os jornalistas também criam material novo»⁶⁹, define Friedman (2012). No artigo «Why Curation Is Important to the

⁶⁹ Tradução da autora.

Future of Journalism», Sternberg (2011) fala de um novo papel: «the journalistic curator».

Nos Estados Unidos, segundo um artigo da edição *online* da revista *Exame* (2012), sistemas de inteligência artificial já produzem notícias sobre as áreas desportiva e financeira. «O software analisa os dados, determina o que é importante e transforma isso em texto seguindo fórmulas pré-configuradas.»

As mudanças na área do jornalismo não podem ser ignoradas pelas instituições que dão formação neste campo. Os programas devem ser adaptados, de forma a preparar os alunos para o exercício de uma profissão que se afasta, cada vez mais, da visão romântica do repórter.

No entanto, os jornalistas devem manter uma postura crítica e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para que o «jornalismo de secretária» não sufoque a reportagem, ainda que a estrutura de algumas organizações privilegie o primeiro.

Cabe também aos leitores, ouvintes e telespectadores exigir uma informação original e de qualidade, pelo que é vital investir na educação para os media.

Contribuições e limites

Apesar de considerar que atingi os objectivos a que me propus no início deste relatório, reconheço-lhe algumas limitações, nomeadamente na parte da investigação. Se tivesse a oportunidade de voltar atrás, formularia algumas perguntas do questionário de outra maneira, de forma a torná-las mais claras e a não sujeitar os inquiridos a opções de resposta extremas. Não incluiria também na mesma questão fontes de informação com características diferentes. No entanto, considero que estas falhas não comprometeram a finalidade do inquérito.

Mesmo com as suas fragilidades, penso que este trabalho analisou de uma forma crítica várias problemáticas da actividade jornalística, aprofundando a questão do «jornalismo de secretária», sobre a qual, ainda, há pouca bibliografia, por exemplo, em português. Este trabalho tentou dar respostas, fornecer dados sobre as práticas dos jornalistas, mas também lançar um debate, que, espero, não termine aqui.

E para que a discussão, sobre se o tipo de trabalho que está a ser efectuado nas redacções se pode considerar jornalismo, continue, deixo uma questão: Até que ponto estas práticas respeitam o artigo n.º 1 do *Código Deontológico do Jornalista*, que estipula que «o jornalista deve relatar os factos com rigor e exactidão e interpretá-los com honestidade» e que «os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso»?

Sugestões para futuras pesquisas

Chegada ao fim deste relatório, não me faltam ideias para prosseguir a investigação. Parece-me que seria interessante quantificar o peso que o «jornalismo de secretária» tem em diferentes meios de comunicação, de forma a determinar a percentagem de informação própria produzida pelos mesmos.

Outra ideia consiste em comparar o «jornalismo de secretária» praticado nos órgãos internacionais com o dos meios de comunicação regionais e nacionais, pois, segundo a minha experiência, nestes últimos, ainda, existe uma postura mais pró-activa, através do recurso ao telefone.

Gostaria também de seguir o rasto às notícias resultantes do «jornalismo de secretária» de alguns órgãos de informação portugueses, identificando as fontes que foram usadas (e vendo se foram citadas), analisando se foi feito um mero copiar/colar ou se houve um trabalho de confirmação e reescrita, eventualmente com a introdução de novos elementos.

Uma última sugestão de pesquisa consiste em detectar erros que se reproduzem, indefinidamente, em diferentes meios de comunicação social a partir dos telexes das agências, que, como vimos neste relatório, estão isentos, na maior parte das vezes, de qualquer confirmação. No âmbito desta investigação, uma das questões que se poderia analisar é a quantidade de erros que resultam de uma tradução e interpretação errada de telexes escritos em outras línguas, outra questão que afluímos neste trabalho.

Bibliografia

A Bola (1945, 24 de Janeiro), Bola de Saída, pp.1.

Código Deontológico do Jornalista,

[<http://www.jornalistas.eu/noticia.asp?id=24&idselect=369&idCanal=369&p=368>,
acedido em 01/12/2011]

Controlinveste (s.d.), O Jogo,

[<http://www.controlinveste.pt/Pt/Media/Jornais.aspx?item=O%20Jogo>,
acedido em 02/12/2011]

Correia, F. (1998) *Os Jornalistas e as Notícias*, Lisboa: Editorial Caminho.

Delrieux, J. (2011) Twitter et Facebook: les nouveaux outils des journalistes,

Journalismes.info, [http://www.journalismes.info/Twitter-et-Facebook-les-nouveaux-outils-des-journalistes_a3661.html,
acedido em 30/04/2012]

Duchrow, J. (2010) Twitter e Facebook complementam busca de informação, concluem jornalistas, *Deutsche Welle*, [<http://www.dw.de/dw/article/0,,5222138,00.html>,
acedido em 30/04/2012]

Euronews (s.d), A empresa, [<http://pt.euronews.net/the-station/>,
acedido em 03/12/2011]

Ferreira, A. (1994) Editorial, *Novas do Vale do Sousa*, n.º 0, pp. 1 e 2.

Exame (2012), Robôs jornalistas ganham espaço nos EUA,

[http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/robos-jornalistas-ganham-espaco-nos-eua?fb_action_ids=3900577399993&fb_action_types=og.recommends&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582,
acedido em 19/10/2012]

Fontcuberta, M. (1999) *A Notícia: pistas para compreender o mundo*, Lisboa: Editorial Notícias.

Friedman, A. (2012) Journalists vs. Curators – Can't we all just get along?, *Columbia Journalism Review*, [http://www.cjr.org/realtalk/journalists_vs_curators.php,
acedido em 19/10/2012]

Gomes, R. M. (2009) *A Importância da Internet para Jornalistas e Fontes*, Lisboa: Livros Horizonte.

Häne, J. (2010) Jornalistas experimentam viver só de Twitter e Facebook, *Swissinfo*, [http://www.swissinfo.ch/por/sociedade/Jornalistas_experimentam_viver_so_de_Twitter_e_Facebook_.html?cid=8375652, acessado em 30/04/2012]

Horizons Médiatiques/Édition Europe (2012), Journalistes et réseaux sociaux: Tendances et usages!, [http://horizonsmediatiquesthibaudtexeire.wordpress.com/2012/03/10/journalistes-et-reseaux-sociaux-tendances-et-usages/, acessado em 30/04/2012]

Infopédia (s.d.), A Bola, [http://www.infopedia.pt/\$a-bola, acessado em 02/12/ 2011]

Jespers, J.J. (1998) *Jornalismo Televisivo*, Coimbra: Minerva.

Johnston, J. e Forde, S. (2009) 'Not wrong for long': The role and penetration of news wire agencies in the 24/7 landscape, *Global Media Journal - Australian Edition*, 3(2), [http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1004&context=jane_johnston, acessado em 29/04/2012]

Johnston, J. e Forde, S. (2011) The Silent Partner: News Agencies and 21st Century News, *International Journal of Communication* 5, 195-214, [http://www98.griffith.edu.au/dspace/bitstream/handle/10072/44988/75149_1.pdf?sequence=1, acessado em 29/04/2012]

Lei n° 2/99 de 13 de Janeiro. *Diário da República n° 10/99 – I Série A*. Lisboa.

Lopes, F. (1999) *O Telejornal e o Serviço Público*, Coimbra: Minerva.

Magalhães, A. (2011) *O peso da agência noticiosa no jornalismo diário: o caso da Lusa e do Público*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Making multicultural Australia (s.d.), Brief History of SBS, [http://www.multiculturalaustralia.edu.au/doc/sbs_3.pdf, acessado em 02/12/2011]

Mesquita, M. (1998) *O Jornalismo em Análise: a Coluna do Provedor dos Leitores*, Coimbra: Minerva.

O Jogo (1985, 22 de Fevereiro), pp. 1 e 3.

Oliveira, L. (dir. edit.) (1996) *Nova Enciclopédia Larousse*, Vol. XIX, p. 5847, Círculo de Leitores.

Paterson, C. (2006) News Agency Dominance in International News on the Internet, *Papers in International and Global Communication*, Centre for International Communications Research, n.º 01/06, [<http://ics-www.leeds.ac.uk/papers/cicr/exhibits/42/cicrpaterson.pdf>, acessado em 29/04/2012]

Pereira, J. C. (coord.) (1985) *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, Vol. II., p. 278, Publicações Alfa.

Rádio Clube de Penafiel (s.d.), RCP – Primeiros Passos, [http://www.radioclube-penafiel.pt/_quem_somos22, acessado em 01/12/2011]

Rádio Clube de Penafiel (s.d.), RCP – Sempre Presente!, [http://www.radioclube-penafiel.pt/_perfil_da_radio, acessado em 01/12/2011]

Ramonet, I. (2000) *A Tirania da Comunicação*, Porto: Campo das Letras.

Rivas, M. (2003) *Mujer en el baño*, Madrid: Alfaguara.

Saramago, J. (2004) *Ensaio sobre a Lucidez*, Lisboa: Caminho.

SBS (s.d.), SBS: what's the story?, [<http://www.sbs.com.au/aboutus/our-story>, acessado em 02/12/2011]

SBS (s.d.), 30 Year Anniversary, [<http://www.sbs.com.au/aboutus/our-story/index/id/145/h/30-Year-Anniversary>, acessado em 02/12/2011]

Sternberg, J. (2011) Why Curation is Important to the Future of Journalism, *Mashable*, [<http://mashable.com/2011/03/10/curation-journalism/>, acessado em 19/10/2012]

Swissinfo (s.d), Sobre Nós, [http://www.swissinfo.ch/por/capa/sobre_nos.html?cid=893926, acessado em 10/12/2011]

Torres, H. (2012) Pedro Rosa Mendes: “Duvido que quem vive dobrado em democracia se endireite em tempos difíceis”, *Público*, [<http://www.publico.pt/Media/pedro-rosa-mendes-duvido-que-quem-vive-dobrado-em-democracia-se-endireite-em-tempos-dificeis-1530650#Comentarios>, acessado em 29/01/2012]

Traquina, N. (1993) *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa: Vega.

Wolf, M. (2009) *Teorias da Comunicação*, Editorial Presença, Barcarena.

Anexos

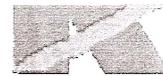
Anexo I

NOVAS

OFERTA



DO VALE DO SOUSA



RÁDIO TERRA VERDE

A Rádio da Região

Director: Acácio Ferreira □ Semanário □ Ano 1 - N.º 0 □ Sexta-feira, 29 de Abril de 1994 □ Preço: 120\$00 (IVA incluído)

TRANSPORTES ESCOLARES

GRANDE CONFUSÃO!

Página 9



AUTOCROSS

LUÍS RIBEIRO À CONQUISTA DA EUROPA

Página 12

EDITORIAL

O século 20, prestes a terminar, terá sido provavelmente da Era Contemporânea aquela que passou por mais profundas mutações, quer no campo económico quer no social. Para estas transformações contribuiu de forma decisiva uma autêntica revolução nos meios de comunicação, a qual impulsionou um processo irreversível de desenvolvimento acelerado da economia mundial e "novas" formas de estar em sociedade. De entre estes meios de comunicação surge a denominada "Comunicação Social" que servindo-se de instrumentos como a radiodifusão e a televisão tem vindo a adquirir um crescente papel neste complexo processo de desenvolvimento, transformando-se no chamado "quarto poder". Contudo, a já então existente imprensa escrita, sofrendo também ela uma completa transformação, possibilitada pelas novas tecnologias, conseguiu superar a "concorrência" dos novos meios de comunicação social e implantar-se definitivamente como uma fonte privilegiada de informação para os cidadãos. A facilidade de

(Continua na página 2)

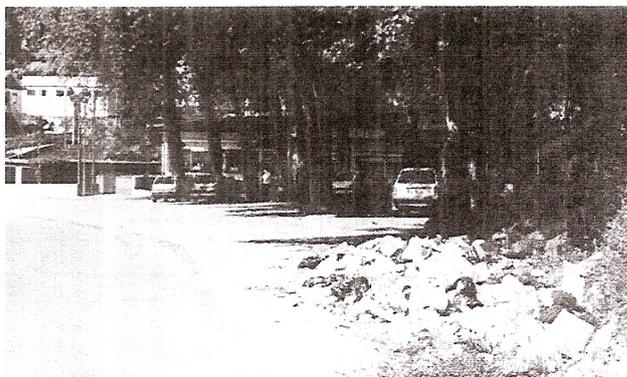
NO VALE DO SOUSA
PARA TODOS OS GOSTOS

Páginas 3, 4 e 5

QUEM SE LIXA COM O LIXO?

A Câmara de Paredes pôs em prática a tabela anual de taxas de lixo industriais e especiais. As reclamações surgem agora por parte de alguns industriais de hotelaria, os primeiros sobre quem recaiu a medida. Os contestatários dizem que não discordam da postura em si. A discórdia surgiu quando tiveram conhecimento dos valores das taxas.

Página 8



EDITORIAL

(Continuado da 1.ª página)

armação em apenas algumas folhas de uma grande quantidade de informação compilada por profissionais dedicados, o carácter isento a que são obrigados por normas deontológicas, a possibilidade de penalizar eventuais faltas de rigor pelo recurso aos meios legais de fiscalização da actividade jornalística, e em particular a peculiar característica de o leitor permanecer na posse de um texto escrito que poderá mais tarde consultar com facilidade, se o desejar, são atributos que fazem com que a imprensa escrita tenha adquirido a dimensão e importância que hoje lhe são atribuídos em todo o mundo.

Se estes aspectos são sem dúvida uma razão importante para a existência de jornais, representam também para os seus leitores um contributo decisivo para a sua liberdade, dado que lhe permitem partilhar de informações que se assim não fosse, provavelmente nunca chegariam ao seu conhecimento, ou então só muito tarde tal aconteceria. Na verdade, sem informação não há liberdade. Sem informação, o conhecimento é limitado à vivência individual dos factos.

Realçando o papel desempenhado tradicionalmente pelos jornais na vida pública, nas últimas décadas do século 20 os jornalistas têm abandonado uma mera actividade de recolha de informações para assumir também um crescente papel de investigação da vida pública, assegurando de algum modo uma "fiscalização" natural sobre os outros poderes, pelo que, com frequência são os jornalistas que descobrem e despoletam situações novas, quer elas sejam referentes a actos negativos para a sociedade (como a corrupção, a fraude, crime organizado, etc.), quer também na descoberta e divulgação de factos positivos para a sociedade em geral. Frequentemente nos nossos dias os jornais informam factos de importância capital, fruto da investigação dos seus jornalistas, que vêm despoletar a investigação por parte do poder instituído, dando origem por vezes a grandes "escândalos" sancionados pelos tribunais. Muitos destes casos poderiam ser citados na história recente do nosso país.

Apesar desta dinâmica, talvez pelas facilidades de comunicação da nossa era, as notícias são tantas que os jornais nacionais são forçados a dar relevo à informação mais geral, aquela que diz respeito simultaneamente ao país como um todo. Daí que, a informação respeitante à nossa região, às diversas regiões do país, aquela que é "quase" exclusivamente local, seja deixada para segundo plano, agarrando-se em geral apenas à que é mais "bombástica". Quem sai prejudicada é a população local, que desse modo não vê divulgada a informação que mais de perto lhe diz respeito. Tal falta só pode ser suprida pela existência de um jornal regional.

Por estas razões nasce o NOVAS do Vale do Sousa. Somos um projecto jornalístico, que se traduz finalmente na concretização de um projecto que há três anos vimos defendendo e que por razões de ordem logística infelizmente só agora é possível colocar em prática. O NOVAS, claramente não é um projecto político, nem se subordina a quaisquer interesses comerciais, financeiros ou pessoais, sejam de quem forem. O nosso objectivo é a procura da verdade, através de uma informação correcta, equilibrada, equidistante e fundamentada. A nossa informação é fruto de um trabalho exclusivamente jornalístico, na presença permanente dos princípios deontológicos e da ética da profissão. A nossa função é informar, servindo assim a comunidade local.

O NOVAS surge assim para preencher um espaço em branco na comunicação social da região.

A par deste cartaz informativo, surge naturalmente alguma componente opinativa que complementa a primeira. No entanto, esta será sempre secundária e o mais abrangente possível em termos de quadrantes de opinião.

O NOVAS é independente de qualquer ideologia, do poder político e autárquico. O seu Estatuto Editorial, que publicamos neste primeira edição, será escrupulosamente cumprido.

Finalmente, gostaria de vos realçar que o NOVAS será uma publicação semanal. Com efeito, parece-nos que não faria sentido fazer ao cartaz informativo enunciado como predominante para o NOVAS, que a sua publicação fosse quinzenal ou mensal. Se queremos informar, devemos fazê-lo quando os factos são notícia, ou seja, o mais próximo possível do seu acontecimento. Publicar notícias com quinze dias ou um mês de atraso não seria por certo uma opção válida para o espírito que nós propusemos atingir. Desejamos que o NOVAS seja o seu semanário da região e que a sua leitura satisfaça os mais prementes desejos de informação da população do Vale do Sousa.

Para nós próprios, votos de felicidades. ♣

ACÁCIO FERREIRA



Artes e Manhas

Tendo sido convidado para assegurar uma comunicação regular escrita com os leitores da nova publicação, aceitei, honrado, pressupondo poder ser útil, o que aliás é gratificante para o ego. E lembrando, porventura, uma reserva de sensatez prudente, típica dos portugueses, apreciadores das meias tintas e de posições contristas e moderadas, ousei escrever, com premência inusitada e buscando inspirações em deuses inomináveis.

Como não há escrita regular, sem um título identificador, lá saiu um modesto "Artes e Manhas". Artes, palavra que particularmente gosto, significando saber, conhecimento, aplicação em estimular reflexões, induzir polémicas, reunir vontades. Manhas como habilidade, da subsistência à sobrevivência, passando pelo justo direito à resistência a injustiças, incoerências e irracionalidades.

Mas o leitor aqui chegado, perguntar-se-á. O que querará este? Então a opinião prometida, a polémica, o discurso sobre os factos, sobre os projectos e intenções? Aconselho calma. Estamos que em linguagem futebolística ouço chamar a estudo mútuo, o autor e a mensagem, o conteúdo e a forma. Esperar uma concretização, uma jogada de bonito recorte, seria desde já uma presunção

do lado de cá e uma excessiva exigência do lado do leitor, em casa, no café, na praça pública ou na repartição.

Interessará, porventura, neste momento, ao leitor encontrar certezas na sua realização pessoal e profissional. Vivemos numa sociedade de aparente lucro fácil, de sucesso imediato, do primado do transitório, das oportunidades únicas perdidas ou ganhas. É isto como retrógrado, idealista e inconsequente apostar em práticas a longo prazo, projectar à distância, construir obra através de pequenos passos. O que está a dar, permitam-me a expressão, são os passagens de modelos, reais ou figurados.

É assim: durante um curto período de tempo, em espaço previamente definido com regras estandardizadas, desfilam graciosas (e outras menos graciosas) personagens, exemplarmente vestidas, sob um cenário de iluminação feérica, ao som de influentes ambientes sonoros. Não há sensibilidade que não sintam uma profunda exaltação. O risco é mínimo, o sucesso embora previsível acontece, o espectador não ouso exigir uma superior contribuição para a sua formação e ao seu futuro.

Os figurantes (e os figurões) abandonam mais cedo ou mais tarde a passerelle, deixando no

comum dos mortais um negro vazio. Foram importantes, exaltantes, mas porque temporários, caducaram e calaram. As plumas e lanfajoulas não resistem ao tempo, às intempéries, são como os modernismos. Contam sempre as mesmas piadas, envelhecem julgando-se jo-

vens. E quantos mais canais televisivos existem, mais a monotonia persiste. Como vêem não falei de política, de Assembleias Municipais, de Orçamentos e prioridades. Aos quinze minutos, o jogo mantém-se confuso. ♣

Cristiano Ribeiro

À TONA DAS COISAS

Para nós as coisas só o são de facto quando lhes damos um nome. É uma ciência dar às coisas o nome que elas devem ter, porque elas são aquilo que são e não o que queremos que sejam. Quando a percepção da realidade é imperfeita, o melhor é esperar que o nome nasça. Quando tivermos um nome perfeito para as coisas, as coisas já estarão perfeitas. Para muitas coisas ainda não temos nome, pelo que ainda não podemos dizer que elas existem para nós. Vem isto o propósito de muitas coisas que vemos, umas o passar por nós, outras a saltar nos nos mãos e nós a certeza de que são para nós mas o que elas sejam ainda não vimos, mas delas nos vamos servindo.

De qualquer modo sabemos e com elas também vamos crescendo. É evidente que isto só é válido para aqueles que pensam que ainda não cresceram tudo, porque há os que julgam que já fizeram tudo, esses já estão mortos e... dos mortos nem a história fala. É celebrando aqueles que no desassossego de tomarem nas mãos a força do jornal, que não sossega de com a vida de todos nós se meter, não sossegam do sonho de fazer o diferente, é celebrando-os que me proporei periodicamente trazer aqui à vossa mesa, senhores leitores, e deles o sabor da observação de factos e coisas, na intenção de lhes descobrir o nome para lhes encontrar o ser e poderemos dizer que são nossas com a tranquilidade de Alberto Caetano:

«Nunca sei como é que se pode achar um poente triste:

Só se é por um poente não ser uma madrugada.

Mas se ele é um poente, como é que ele havia de ser uma madrugada?» ♣

Zelirino Moreira da Silva

NOVAS — ESTATUTO EDITORIAL

- 1 — É um semanário regionalista que se orienta pelos princípios da liberdade, do pluralismo e da independência e se subordina à deontologia da comunicação social.
- 2 — Privilegia, no seu conteúdo, a informação isenta, rigorosa e maximamente objectiva, que possibilite e garanta a expansão e o confronto de diversas correntes de opinião, no respeito pelos direitos da pessoa e pelo interesse nacional.
- 3 — Assume-se como independente de qualquer doutrina e ideologia, do poder político e autárquico, do partido ou associações políticas, patronais, sindicais e profissionais, bem como de entidades económicas e financeiras, apenas respondendo perante a empresa de comunicação de que dimana.
- 4 — Respeita os leis do mercado, mas, nos seus compromissos comerciais, salvaguardará sempre valores deontológicos que persegue.
- 5 — Procurará, para garantia da sua autonomia, e para efeito da sua capacidade criativa, técnica e de gestão, obter a maior qualidade possível na sua zona de cobertura.
- 6 — Compromete-se a contribuir, pela totalidade dos seus conteúdos, para promover e estimular a solidariedade, o convívio e a boa vizinhança entre as populações abrangidas pela sua difusão.
- 7 — Obriga-se, dentro do respeito dos princípios constitucionais e legais a exercer a sua actividade com sentido de responsabilidade e espírito de tolerância, atendendo às exigências do pluralismo e do direito de expressão das minorias (de harmonia com a sua dimensão e sempre que isso constitua um imperativo de consciência), mas com exclusão de quaisquer incitamentos à prática de crimes ou à violação dos direitos fundamentais, e rejeição de comunicações inequivocamente pornográficas.
- 8 — Reconhece o direito de resposta, nas condições legais, a qualquer pessoa cujo bom nome e reputação se possam considerar afectados pelo facto inverídico ou erróneo veiculado nos suas edições.
- 9 — Produzirá uma informação que distinga entre notícia e opinião e dê voz às partes em confronto, mediante a aplicação de critérios jornalísticos.
- 10 — Observará, na linha de orientação de actividade informativa, as normas deontológicas do Estatuto do Jornalismo.
- 11 — O cumprimento deste Estatuto será também objecto de análise numa reunião mensal do conselho de administração com o director do jornal, o chefe de redacção de maneira a obter-se constantemente a maior aproximação possível entre os princípios definidos e a sua prática. ♣

Anexo II

Rádio Montemuro

Estatuto Editorial

- 1. A Rádio Montemuro é uma estação regional privada, que se orienta pelos princípios da liberdade, do pluralismo e da independência, e se subordina à deontologia da Comunicação Social.*
- 2. A Rádio Montemuro privilegia, no seu conteúdo, a informação isenta, rigorosa e maximamente objectiva, que possibilite e garanta a expressão e o confronto das diversas correntes de opinião, no respeito pelas pessoas, pelo interesse nacional em geral, e pela defesa da sua região em especial.*
- 3. A Rádio Montemuro assume-se como independente de qualquer doutrina ou ideologia, do poder político e autárquico, de partidos ou associações religiosas, culturais, recreativas, patronais, sindicais, e profissionais, bem como de entidades económicas e financeiras, apenas respondendo perante a empresa de que dimana.*
- 4. A Rádio Montemuro respeita as leis de mercado, mas, nos seus compromissos comerciais salvaguarda sempre os valores deontológicos que persegue.*
- 5. A Rádio Montemuro procura, para garantir a autonomia e por efeito da capacidade criativa, técnica e de gestão, obter a maior audiência possível e sem fronteiras, privilegiando, porém, a sua zona de intervenção local.*
- 6. A Rádio Montemuro compromete-se a contribuir, pela totalidade dos seus conteúdos, para o reforço da identidade cultural do país*

como um todo, e da sua região como uma unidade própria, no respeito pelas diferenças.

- 7. A Rádio Montemuro obriga-se, dentro do respeito pelos princípios constitucionais e legais, a exercer a sua actividade com sentido de responsabilidade e espírito de tolerância, atendendo às exigências do pluralismo e ao direito de expressão das minorias, sempre que isso constitua um imperativo de consciência, mas com exclusão de qualquer incitamento à prática de crimes, ou à vacilação dos direitos fundamentais.*

- 8. A Rádio Montemuro respeita todos os princípios da Lei da Imprensa e do Estatuto dos Jornalistas, nomeadamente reconhecendo o direito de resposta, nas condições legais, a qualquer pessoa cujo bom nome e reputação se possam considerar afectados por facto inverídico ou erróneo, veiculado nas suas emissões.*

- 9. A Rádio Montemuro procura produzir uma informação que distinga entre notícia e opinião, e dê voz às partes em confronto, mediante a aplicação de critérios jornalísticos dos seus profissionais e colaboradores, sob a orientação da sua Direcção.*

- 10. A Rádio Montemuro observa, na linha de orientação da actividade informativa, os normativos e princípios consagrados no Código Deontológico dos Jornalistas, como instância última de decisão em caso de conflito de interesses.*

Cinfães, 15 de Junho de 2009

A Direcção

Anexo III

Jornal Margem Douro

Estatuto Editorial

1. Margem Douro é um jornal regional privado, que se orienta pelos princípios da liberdade, do pluralismo e da independência, e se subordina à deontologia da Comunicação Social.
2. Margem Douro privilegia, no seu conteúdo, a informação isenta, rigorosa e maximamente objectiva, que possibilite e garanta a expressão e o confronto das diversas correntes de opinião, no respeito pelas pessoas, pelo interesse nacional em geral, e pela defesa da sua região em especial.
3. Margem Douro assume-se como independente de qualquer doutrina ou ideologia, do poder político e autárquico, de partidos ou associações religiosas, culturais, recreativas, patronais, sindicais, e profissionais, bem como de entidades económicas e financeiras, apenas respondendo perante a empresa de que dimana.
4. Margem Douro respeita as leis de mercado, mas, nos seus compromissos comerciais salvaguardará sempre os valores deontológicos que persegue.
5. Margem Douro procurará, para garantir a autonomia e por efeito da capacidade criativa, técnica e de gestão, obter a maior audiência possível e sem fronteiras, privilegiando, porém, a sua zona de intervenção regional.
6. Margem Douro compromete-se a contribuir, pela totalidade dos seus conteúdos, para o reforço da identidade cultural do país como um todo, e da sua região como uma unidade própria, no respeito pelas diferenças.
7. Margem Douro obriga-se, dentro do respeito pelos princípios constitucionais e legais, a exercer a sua actividade com sentido de responsabilidade e espírito de tolerância, atendendo às exigências do pluralismo e ao direito de expressão das minorias, sempre que isso constitua um imperativo de consciência, mas com exclusão de qualquer incitamento à prática de crimes, ou à vacilação dos direitos fundamentais.

8. Margem Douro respeita todos os princípios da Lei da Imprensa e do Estatuto dos Jornalistas, nomeadamente reconhecendo o direito de resposta, nas condições legais, a qualquer pessoa cujo bom nome e reputação se possam considerar afectados por facto inverídico ou erróneo, veiculado nas suas edições.
9. Margem Douro procura produzir uma informação que distinga entre notícia e opinião, e dê voz às partes em confronto, mediante a aplicação de critérios jornalísticos dos seus profissionais e colaboradores, sob a orientação da sua Direcção.
10. Margem Douro observa, na linha de orientação da actividade informativa, os normativos e princípios consagrados no Código Deontológico dos Jornalistas, como instância última de decisão em caso de conflito de interesses.

A Direcção

Anexo IV

Wires ~ ALL

USA-politique-justice-immigration PREV

Received: 25/06/2012 21:37:24, Priority: 4, Source: AFP_FRS_MS, Category: JPY,
Subcategory: USA /AFP-RG97

USA: la Cour suprême autorise les contrôles au faciès en Arizona (ACTUALISATION,
PAPIER GENERAL)

Par Chantal VALERY

=(Photo+Video)=

ATTENTION - ajoute réactions ///

WASHINGTON, 25 juin 2012 (AFP) - La Cour suprême a invalidé lundi en grande partie une loi de l'Arizona contre l'immigration clandestine, l'une des plus répressives jamais votées aux Etats-Unis, mais en autorisant cet Etat à procéder à des contrôles d'identité au faciès, au grand dam de l'administration Obama. La plus haute juridiction du pays a donné raison au gouvernement fédéral sur trois des quatre dispositions de la loi que l'administration démocrate jugeait anticonstitutionnelles.

Elle a cependant accordé une victoire aux opposants républicains de Barack Obama, en pleine campagne pour sa réélection, sur une disposition, très controversée, autorisant les contrôles aléatoires d'identité.

Cette décision était très attendue car outre l'Arizona (sud-ouest), cinq Etats ont voté des lois similaires et 13 autres l'envisagent. Le gouvernement fédéral estime que ce texte, entré en vigueur en 2010, empiète sur ses prérogatives constitutionnelles en matière d'immigration.

Parmi la vingtaine de manifestants réunis devant la Cour, Eliseo Medina, secrétaire du SEIU, le plus grand syndicat de travailleurs immigrés, a dit sa déception mais annoncé la "poursuite du combat".

Dans son jugement, adopté par cinq voix contre trois, la haute Cour a dit comprendre "les frustrations de l'Arizona concernant les problèmes causés par l'immigration clandestine, mais l'Etat ne peut pas mettre en oeuvre une politique qui contredit la loi fédérale".

"Le gouvernement national a des pouvoirs significatifs pour réguler l'immigration", a-t-elle ajouté, estimant que "la politique d'immigration a façonné la destinée du pays".

La cour a censuré trois dispositions de la loi: l'obligation pour tout immigré de pouvoir présenter des papiers à tout moment; l'interdiction de travailler ou de rechercher un emploi en l'absence de papiers; et l'arrestation sans mandat de tout individu soupçonné d'être clandestin.

~~Donnant la victoire aux opposants du gouvernement Obama, la Cour a en revanche refusé à l'unanimité de bloquer la disposition autorisant le contrôle du statut migratoire de toute personne, même sans motif. Elle a jugé qu'il serait "injustifié" de rejeter cette mesure "sans preuve" qu'elle "contredise la loi fédérale sur l'immigration et ses objectifs".~~

Regrets d'Obama

=====

Barack Obama a exprimé des regrets après cette décision. "Je suis content que la Cour suprême ait rejeté des dispositions clés de la loi", a-t-il dit, "mais en même temps, je reste inquiet des conséquences pratiques de la disposition de cette loi qui perdure".

"Aucun Américain ne devrait vivre ainsi suspecté juste à cause de son apparence", a-t-il conclu.

De son côté, le ministre de la Justice Eric Holder a assuré que son ministère

continuerait "à appliquer rigoureusement l'interdiction fédérale de toute discrimination de race ou d'ethnie".

La gouverneure républicaine de l'Arizona, Jan Brewer, a pourtant vu dans cette décision de la Cour "une victoire pour l'état de droit (...) et pour tous les Américains qui pensent qu'il est de la responsabilité des Etats de défendre leurs citoyens".

A la frontière mexicaine, l'Arizona, qui compte 400.000 sans papiers, avait fustigé en avril devant la Cour suprême "le laxisme du gouvernement" américain en matière de lutte contre les clandestins.

"Chaque Etat a le devoir -- et le droit -- de sécuriser nos frontières et de préserver l'état de droit, particulièrement quand le gouvernement fédéral n'a pas honoré ses responsabilités", a aussi estimé le candidat républicain à la présidentielle de novembre, Mitt Romney.

Mais Ali Noorani, directeur du Forum national sur l'immigration, une importante organisation de défense des immigrés, a déploré le fait que la Cour "divise le pays" en laissant "une disposition dangereuse, la pointe acérée de l'épée de la loi (...) qui causera une blessure irréparable à l'Arizona".

chv/lb/bar

AFP

IMMIGRATION

Wires ~ ALL

USA-IMMIGRATION/COURT (UPDATE 4, REPEAT)

Received: 25/06/2012 22:46:36, Priority: 3, Source: RWS, Category: OVR, Subcategory: (RNA AFA CSA LBY RWSA RWS REU

UPDATE 4-US high court has split verdict on Arizona immigration law *please mix the*
* Parts of ruling a setback for Obama but also for states
* U.S. engaged in fierce debate on illegal immigration
* Racial, ethnic profiling challenges could still go forward

HEADLINE

(Repeats to additional services with no change to text)

By James Vicini and Jonathan Stempel

WASHINGTON, June 25 (Reuters) - The U.S. Supreme Court upheld a key part of Arizona's crackdown on illegal immigrants on Monday but struck down three other parts of the state law, delivering a mixed ruling for the Obama administration on federal power to enforce immigration statutes in the United States.

first

In an opinion by Justice Anthony Kennedy, the country's highest court by an 8-0 vote upheld the Arizona law's most controversial aspect, requiring police officers to check the immigration status of people they stop for any reason.

But in a split verdict, the justices also ruled that the three other provisions of the western state's 2010 law that were challenged in court by the Obama administration went too far. The votes on those provisions were either 5-3 or 6-2, with the more conservative justices in dissent.

(*) These three provisions required immigrants to carry immigration papers at all times, banned illegal immigrants from soliciting work in public places, and allowed police arrest of immigrants without warrants if officers believed they committed crimes that would make them deportable.

"Arizona may have understandable frustrations with the problems caused by illegal immigration ... but the state may not pursue policies that undermine federal law," Justice Kennedy wrote for the majority in a 25-page opinion.

The decision in part was an election-year setback for President Barack Obama, but was less of a defeat than had been envisioned after oral arguments before the justices in April.

The majority opinion's sweeping rhetoric could cloud state efforts to try to curb illegal immigration.

Justice Kennedy stressed that the federal government has "broad, undoubted power" over immigration, pointing to how federal policy could affect trade, investment, tourism and diplomatic relations.

The majority that struck down three challenged parts of the Arizona law also included Chief Justice John Roberts, as well as the more liberal justices Ruth Bader Ginsburg, Stephen Breyer and Sonia Sotomayor, the nation's first Hispanic justice.

"I am pleased that the Supreme Court has struck down key provisions of Arizona's immigration law. What this decision makes unmistakably clear is that Congress must act on comprehensive immigration reform. A patchwork of state laws is not a solution to our broken immigration system - it's part of

the problem," Obama said in a statement.

CIVIL RIGHTS

Obama said he remained concerned about the practical impact of the remaining provision of the Arizona law. "Going forward, we must ensure that Arizona law enforcement officials do not enforce this law in a manner that undermines the civil rights of Americans, as the court's decision recognizes," Obama said. In upholding the police checks, Kennedy said their mandatory nature did not interfere with the federal immigration scheme, and found unpersuasive the Obama administration argument that federal law preempted this part of the law at this stage. He said it was improper to block that provision before state courts had an opportunity to review it, and without some showing that its enforcement conflicted with federal immigration law. Kennedy also left open the possibility for constitutional or other challenges to the law once it goes into effect. Opponents of the Arizona law also have sued on other grounds that it was unconstitutional and could lead to ethnic and racial profiling of the fast-growing Hispanic population, which represents 16 percent of all Americans.

The ruling went to the heart of a fierce national debate between Democrats and Republicans over the 11.5 million illegal immigrants the U.S. government estimates to be in the country.

The ruling upholding the police checks was a win for Arizona Republican Governor Jan Brewer, who championed the measure and called the decision a "victory for the rule of law."

Republican presidential candidate Mitt Romney, who challenges Obama in the Nov. 6 U.S. election, had opposed the federal government's challenge to the law.

"Today's decision underscores the need for a president who will lead on this critical issue and work in a bipartisan fashion to pursue a national immigration strategy," Romney said in a statement.

SCALIA ANGRILY DISSENTS

Justice Antonin Scalia read an angry dissent from the bench, saying he would have upheld the entire Arizona law. It "boggles the mind" that the president might decline to enforce federal immigration law, Scalia said in apparent reference to Obama's

~~June 15 executive order stopping deportation for certain young people in the United States illegally.~~

Obama has vowed to push for comprehensive immigration legislation if re-elected on Nov. 6. Opinion polls show Hispanics, now equal to 16 percent of all Americans, overwhelmingly support Obama. Most illegal immigrants are Hispanics.

Arizona, on the southwest border with Mexico, two years ago became the first of half a dozen U.S. states to adopt laws to drive illegal immigrants out. About 360,000 of the country's illegal immigrants, or 3 percent, reside in Arizona. Most of the state's nearly 2 million Hispanics are in the country legally. The immigration dispute was widely viewed as the second most important case in the Supreme Court's 2011-12 term, behind only the historic legal battle over Obama's healthcare overhaul law. A ruling in that case is expected on Thursday.

Roberts said from the bench that the court's last day of the term will be Thursday, and that all remaining opinions are expected to be issued that day. He did not specifically mention the healthcare case.

The court's ninth member, liberal Justice Elena Kagan, did not take part in the immigration ruling - believed to be because she worked on the case in her prior job as Obama's solicitor general.

Last year, the court upheld a different Arizona law that penalizes businesses for hiring illegal immigrants.

Obama on June 15 announced an important change in U.S. immigration policy. Hundreds of thousands of illegal immigrants who were brought into the United States as children could be able to avoid deportation and get work permits under the new policy.

The Supreme Court case is Arizona v. United States, No. 11-182.

(Reporting by James Vicini, Joan Biskupic and Jonathan Stempel;
Editing by Howard Goller and will Dunham)
REUTERS

Anexo V

Wires ~ AFP-EFE-RWS

(Avance) NIGERIA AVIÓN

Received: 03/06/2012 22:56:12, Priority: B, Source: EFE, Category: TRIBT, Subcategory:

MUN EXG

Ningún superviviente "hasta ahora" en el accidente de un avión en Lagos

Lagos, 3 jun (EFE).- La ministra nigeriana de Aviación, Stella Oduah, dijo hoy que "hasta ahora" no se han encontrado supervivientes entre los restos del avión siniestrado hoy en un populoso barrio de Lagos con 159 personas a bordo. En declaraciones a los periodistas en el lugar del suceso, Oduah indicó que "no se ha encontrado ningún superviviente hasta ahora, pero las labores de rescate continúan". Asimismo, la ministra precisó que el piloto del avión accidentado llamó a la torre de control del Aeropuerto Internacional Murtala Muhammed de Lagos para comunicar una emergencia a las 15.45 hora local (14.45 hora GMT) y un minuto más tarde desapareció de los radares. EFE

da/jt/cd

|K:TRI:JUSTICIA-INTERIOR-SUCESOS,SUCESOS|

|Q:CYA:es:03010003:Catástrofes y accidentes:Accidente de transporte:Accidentes aéreos y espaciales|

|P:ESP| |I:Avance|

06/03/20-56/12

Wires ~ AFP-EFE-RWS

NIGERIA-AVION

Received: 04/06/2012 00:51:47, Priority: 3, Source: RWS, Category: OVR, Subcategory:
(AFN FA FB RTF DNP AERO TRAN

Près de 150 morts dans un accident d'avion à Lagos, au Nigeria
(Actualisé avec président nigérian)

par Tim Cocks

LAGOS, 4 juin (Reuters) - Il n'y a aucun survivant parmi les 147 personnes à bord d'un avion des lignes intérieures nigérianes qui a percuté dimanche un immeuble de deux étages à Lagos, capitale économique du Nigeria, ont annoncé à Reuters les services de secours.

On ignore s'il y a des victimes au sol. Le président Goodluck Jonathan a décrété un deuil national de trois jours.

Le McDonnell Douglas MD-83 de la compagnie privée Dana Air, qui venait d'Abuja, la capitale, a heurté le bâtiment dans le quartier pauvre et densément peuplé d'Ishiga à Agege, un faubourg de Lagos, près de l'aéroport Murtala Muhammed. L'avion s'est embrasé au moment du choc.

Des milliers d'habitants se sont rendus sur les lieux de la catastrophe. La police a chargé pour disperser la foule afin de permettre aux secours d'arriver sur place, sans grand succès. Des ambulances, sirènes hurlantes, n'ont pu se frayer un passage.

"La foule est complètement folle. Les secours ne peuvent même pas passer", a dit un témoin.

"Nous avons entendu une énorme explosion, nous avons d'abord pensé à une explosion de gaz", a raconté un journaliste local, Timothy Akinyela. "Et puis il y a eu d'autres explosions, c'était terrifiant, partout des cris et de la confusion."

La compagnie Dana Air a fait savoir que la cause de l'accident n'avait pas encore été identifiée.

"Le président Jonathan assure les usagers des transports aériens que tout sera fait pour tirer les leçons (de cet accident) et faire en sorte que de nouvelles mesures soient prises pour améliorer la sécurité de l'aviation dans ce pays", promettent ses services dans un communiqué.

(Avec Felix Onuah et Chijioke Oluocha; Eric Faye, Guy Kerivel et Jean-Philippe Lefief pour le service français)

REUTERS

Wires ~ AFP-EFE-RWS

Nigeria-accident-aviation PREV

Received: 04/06/2012 00:57:23, Priority: 4, Source: AFP_FRS_MS, Category: X, Subcategory: NGA /AFP-QV92

Nigeria: crash d'un avion à Lagos avec 153 personnes à bord, aucun survivant (PAPIER GENERAL,ACTUALISATION)

Par Joe] OLATUNDE AGOI

=(INFOGRAPHIE+PHOTO)=

ATTENTION - Avec précisions sur le nombre de passagers ///

LAGOS, 03 juin 2012 (AFP) - Un avion de ligne avec à son bord 153 personnes, dont six membres d'équipage, s'est écrasé dimanche sur un quartier populaire de la capitale économique nigériane Lagos, ne laissant quasiment aucun espoir de retrouver des survivants.

Aucun bilan précis n'était disponible dimanche soir, et les causes du crash de l'appareil, un Boeing MD83 qui est venu heurter de plein fouet un immeuble de deux étages avant de s'embraser, n'étaient pas encore connues.

Le président nigérian Goodluck Jonathan a décrété trois jours de deuil national, et ordonné "une enquête la plus complète possible" sur l'accident, selon la présidence.

"C'était un avion de la compagnie Dana en provenance d'Abuja pour Lagos", a annoncé à l'AFP le directeur de l'Aviation civile, Harold Demuren, doutant qu'il y ait de possible survivant.

"Nous n'avons encore (retrouvé) aucun survivant", a déclaré en début de soirée M. Demuren, près de quatre heures après le crash. Il n'a pas mentionné le nombre de victimes parmi les résidents.

L'avion s'est écrasé sur le quartier populaire d'Iju, à proximité de l'aéroport international dans le nord de la ville, réputée la plus grande agglomération du continent africain avec près de 15 millions d'habitants.

Une épaisse fumée noire s'est immédiatement élevée dans le ciel depuis la zone du crash, a-t-on constaté. Dans sa chute, l'avion a heurté de plein fouet un immeuble de deux étages, et balayé un terrain sur lequel étaient bâtis une église et un petit atelier d'imprimerie.

Selon des habitants interrogés par l'AFP, l'avion de ligne, volant à très basse altitude dans un bruit assourdissant de réacteur, a d'abord percuté l'immeuble. L'appareil "a volé très bas (...) dans un vacarme infernal, avant de s'écraser sur une zone d'habitation (...). Il s'est ensuite embrasé", a raconté un témoin.

Un autre habitant, Tunji Dawodu, a indiqué qu'il "venait de sortir de l'église vers 15H30 quand il a entendu un bruit très fort. J'ai pensé que c'était une explosion", a-t-il dit. "Ensuite une grande flamme s'est élevée de l'immeuble contre lequel l'avion s'est écrasé", a-t-il ajouté.

Selon les témoignages contradictoires d'autres habitants, l'avion a piqué du nez. De nombreux débris, parmi lesquels une aile détachée de la carlingue, étaient visibles sur les lieux de la catastrophe, où convergeaient secouristes, policiers et des centaines de badauds.

La queue blanche de l'avion, arrachée du reste de la carlingue, était visible au milieu des décombres en feu, à côté d'un réacteur métallique déchiqueté.

Une dizaine de corps carbonisés ont été retirés des décombres de l'immeuble détruit, et pourraient être ceux des occupants du bâtiment, selon un membre des équipes de secours.

"Les restes de l'avion continuent de se consumer à l'heure où je vous parle et les fumées polluent toute la zone, compliquant encore un peu plus la tâche des secours", a expliqué sur place un porte-parole de l'Agence nationale de coordination des secours, Tunji Oketunbi.

L'appareil est tombé sur une église et un immeuble de deux étages, a confirmé ce responsable.

"(...) L'un de nos avions s'est écrasé aujourd'hui dans la périphérie de Lagos", a simplement déclaré à l'AFP un porte-parole de Dana Air, Tony Usidamen.

La compagnie domestique Dana Air, qui jouit d'une réputation de sérieux sur le marché local, a débuté ses activités en novembre 2008 et est aujourd'hui l'une des principales compagnies nigérianes, alignant une flotte d'appareils de type MD-83, selon son site internet.

Ses avions relie quotidiennement, jusqu'à 27 vols par jour, les villes d'Abuja, Calabar, Lagos, Port Harcourt et Uyo.

Samedi soir, un avion cargo nigérian a manqué son atterrissage à l'aéroport international d'Accra, capitale du Ghana, autre pays d'Afrique de l'Ouest, percutant un minibus et tuant dix occupants du véhicule.

Les quatre membres de l'équipage, dont les deux pilotes du Boeing 727 de la compagnie Allied Air en provenance de Lagos, ont survécu à l'accident.

Depuis 1992, date du crash d'un avion de transport militaire nigérian près de Lagos qui avait fait 158 morts, le Nigeria a connu au moins six catastrophes aériennes d'envergure dont les bilans s'élevaient à chaque fois entre cent et cent-cinquante tués.

Trois avions de ligne de compagnies intérieures s'étaient notamment écrasés en moins d'un an, d'octobre 2005 à octobre 2006, faisant au moins 320 morts pour ces seuls incidents.

mjs-bs/hba/jr

AFP

Anexo VI

Nota: e-mail divulgado com a autorização do editor-chefe do *Euronews*, Peter Barabas.

«Dear all,

The extraordinary developments of the social networks and blogging sites as well as the fast, uncharted expansion of the phenomenon called citizen journalism imposes now the following guidelines in our daily newsgathering and news production process. Each such situation has its own life of course, therefore the rules below are a general guide, they are not meant to answer all questions. That is why it's critical to always discuss all these situations with utmost care instead of jumping beyond the point of no return.

More and more, the daily news coverage puts us in the situation of having to access information or various content (such as videos, photos etc) from these non-traditional, but fast developing virtual sources, most famous ones being Facebook, Twitter and YouTube. These sources offer interesting and useful content that is often not available via the traditional video sources, especially in countries where the free flow of information and pictures is filtered. But copyright laws and libel laws apply to the Internet too. While new technologies offer unprecedented access and wealth of information, the rules of (1) accurate and balanced journalism, (2) the legal requirements of copyright, source protection, identification and (3) privacy and moral responsibility still apply.

The widespread availability of information, photos or videos – the “but others are using this too” argument – induces the need for a much stronger verification and consideration effort on the part of the news editors. Again, the fluidity of this content does not change anything in the legal, moral and professional responsibilities we carry when using it in our daily journalistic drive. We need to use common sense and maximum caution when we make the calculated risk decision to use such content. If in doubt, it's safer not to use the content at all. The simple fact that more and more material is available in public does not absolve any of us of the consequences of using it without due consideration.

All news editors and producers need to seek guidance when using such content, we all need to be on the same page, after careful consideration and when all checks and balances have been completed.

- It is critical to stress that YouTube, Facebook or Twitter cannot be named as sources. These are just the virtual networks where users post content which originate from private users, governments, political organisations, content producers or social and political activists as well as many others. Any video posted on YouTube has a source, therefore sourcing that particular video as “Source: YouTube” is simply wrong and exposes us to a myriad of legal or reputational harm.

- We always need to carefully verify the authenticity of the content posted in these virtual arenas, although most of the times this is impossible. We have had situations when such content (information, photo or video) was uncertain in terms of provenance or implication. They can sometimes even be posted deliberately to deceive the media. Writing to such content should always use the conditional, “purports to show”, “appears to show” and we always need to attribute this content in clear details, even when the user posts minimal information. We always need to attribute this content to “Twitter users said/posted xxx”, say how much or how little we know about them and whether we were able to contact them directly. We must be honest in stating that we cannot confirm the authenticity of the information or the photo / video.
- When using photos or videos, we need to do our best to identify the source, verify the date and location. If these details are not clear, following the guidelines above, we need to limit our use of such photos or videos to the minimum, just the essential story-telling images will do. We also need to clearly state on screen the “amateur video” whenever we use it. Never assume that photos or videos show what or who they purport to show – we need to be absolutely accurate when we decide to broadcast them and present them as such.
- Videos posted by private users in countries with minimal freedom of expression, information should be treated with even greater care. Videos of clashes in Iran or Western Sahara, for instance, may originate from other media outlets and running them as such exposes us to serious legal threats. Once again, no efforts are to be spared to identify the type of video and its source. No such videos are to be used without prior approval from your news managers.
- Whenever we access professional photos posted on newspapers’ website we need to show the entire page so that the context of that particular photo’s publication is visible. We cannot simply isolate a photo and show it full screen without including the visual source (title of newspaper, article containing the photo etc) . Equally, screen shots of a website should be shown in the same way, by providing the visual context of that particular content.
- Information published by private individuals on Twitter, Facebook or other micro-blogging websites cannot be used as primary source of information. We can use them as tips and then seek further, official confirmation or wait for the news agencies to confirm it. Unless the source is a well-established political, social activist or a reputable news source, and even then we need to attribute it, we should always wait for further confirmation or clarification before moving on information emanating from unofficial websites.
- Copyright rules and laws apply to the Internet content too. Users post either self-shot videos or – most often – they simply onpass, republish third party content, either from professional or private sources. Whenever possible, we should do every effort to find and seek permission from the original source to use that particular content. We

should never let the viewer assume that an information, a video or a photo we accessed via YouTube, Facebook, personal blogs or other web sources is an original euronews video, we should always attribute it even if just in general terms.»

Anexo VII

[Print Story](#) | [View XML](#)

Revision 4	Revision 3	Revision 2	Revision 1
Slug	SYRIA-SHELLING/PROTEST		
Headline	Heavy shelling in Rastan and Homs - online video.		
Item ID	4092WD		
Service	World		
Video File	201205174092WD-SYRIA-SHELLING_PROTEST.mpg		
Script File	201205174092WD-SYRIA-SHELLING_PROTEST.xml		
Arrived	2012-05-17 14:17:12		
Revision	4		
Duration	04:59		
Audio	NATURAL		
Location	PROVIDED AS RASTAN/ HOMS/ DAMASCUS, SYRIA		
Script source	Reuters		
Video source	SOCIAL MEDIA WEBSITE		
Usage Terms	NONE		

[? ASK A QUESTION](#)



This is a preview. For broadcast quality, please use the Playout function.

PLEASE NOTE: REUTERS IS UNABLE TO INDEPENDENTLY VERIFY THE CONTENT OF THIS VIDEO, WHICH HAS BEEN OBTAINED FROM A SOCIAL MEDIA WEBSITE.

EDITORS PLEASE NOTE: RESENDING WITH FULL SCRIPT

Video uploaded to the internet purportedly shows the aftermath of heavy shelling in the town of Rastan and Homs, capturing moments of explosions, while hundreds of anti-Assad protesters rally in the capital Damascus.

SHOWS:

<http://reuterswnemain.euronews.lan/reuters/storypopupV2?storyid=tag:reuters.com,20...> 17/05/2012

GIVEN AS RASTAN, NEAR HOMS, SYRIA (DATE PROVIDED AS MAY 16, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

1. DEBRIS ON A STREET IN WHAT IS SAID TO BE THE AFTERMATH OF SHELLING
2. VARIOUS OF THE STREET/ DAMAGED BUILDINGS
3. SHELL LANDS AT THE END OF THE STREET / SMOKE RISING

GIVEN AS AL-HUSN, HOMS, SYRIA (DATE PROVIDED AS MAY 16, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

4. VEHICLE PARKED ON THE SIDE OF A ROAD / SHELL LANDS NEARBY/ SMOKE RISES
5. MORE OF SHELLING ON THE ROAD IN THE TOWN OF AL HUSN

GIVEN AS AL-MIDAN, DAMASCUS, SYRIA (DATE PROVIDED AS MAY 16, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

6. PROTESTERS CLAPPING AND CHANTING (Arabic): "We will get out our revenge, from Maher (Assad's brother and military commander) and from Bashar."
7. MORE OF DEMONSTRATION / PROTESTERS CHANT (Arabic): "Curse your soul, Hafez."
8. DEMONSTRATORS GATHER IN A SQUARE CHANTING AND CLAPPING

GIVEN AS HOMS, SYRIA (DATE PROVIDED AS MAY 16, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

9. FIRE BLAZING IN BUILDING GIVEN AS 'THE CITY CENTRE' BUILDING
10. MAN OFF CAMERA SAYS THAT ASSAD FORCES HAVE BURNT IT DOWN COMPLETELY (Arabic)
11. MORE OF BUILDING ON FIRE/ AUDIO OF GUNFIRE AND EXPLOSIONS IN THE BACKGROUND

STORY: Violence continues to rage in Syria 14 months into mass protests and an insurrection against the rule of President Bashar al Assad.

Video uploaded to a social media website on Wednesday (May 16) appeared to show the damage wrought on a street in the town of Rastan following heavy shelling. The clip captures the moment a shell lands at the end of the road.

Reuters is unable to independently verify the content of these videos.

Opposition sources on Monday (May 14) said forces loyal to Assad had shelled the town of Rastan on Syria's main highway, killing at least nine people and wounding 40 others in an offensive to retake the area from Free Syrian Army rebels.

Syria restricts media access, making it difficult to verify accounts of the unrest. But other activists also reported heavy shelling on Rastan on Monday.

Another video uploaded to the internet on Wednesday purported to show shelling in al Husn in Syria, an area where the Krak des Chevaliers castle is located. Gunfire and shelling could be heard in the background as smoke billowed into the sky in the distance.

A Britain-based opposition group, the Syrian Observatory for Human Rights, said at least 15 people had been killed since Tuesday (May 15) when security forces stormed the Shamma district of Homs, parts of which Assad's forces reduced

to rubble with artillery fire earlier this year.

The group said security forces carried out summary executions in the city.

There was no independent confirmation of the claims from within Syria.

Another video also given as Homs showed a fire blazing through a building purported to be the 'City Centre' building in the centre of the city.

Meanwhile, hundreds of protesters rallied in the capital Damascus for an anti-Assad demonstration, according to another amateur video uploaded to the internet.

Protesters could be seen clapping and chanting they would have revenge against both the Syrian leader and his brother Maher, who is a military commander.

Assad's government has repeatedly accused foreign states of backing a "terrorist" campaign in Syria, an apparent reference to Gulf powers Saudi Arabia and Qatar which have argued that Syrian insurgents should be supplied with weapons.

Those accusations have grown louder following a series of bomb attacks on security and military installations in Damascus and other cities that Syria calls proof of a "terrorist" conspiracy.

However, the opposition says the state itself organised the attacks in a cynical attempt to discredit the uprising against Assad.

ENDS

Script Copyright Notice: (c) Copyright Thomson Reuters 2012. Open For Restrictions - <http://about.reuters.com/fulllegal.asp>

Video Copyright Notice: (c) Copyright Thomson Reuters 2012. Open For Restrictions -

Slug SYRIA-VIOLENCE/OBSERVERS
Headline Syria rebels secure safe return of UN team after attack.
Item ID 3228WD
Service World
Video File 201205163228WD-SYRIA-VIOLENCE_OBSERVERS.mpg
Script File 201205163228WD-SYRIA-VIOLENCE_OBSERVERS.xml
Arrived 2012-05-16 17:44:25
Revision 2
Sensitive None
Duration 03:28 (208s)
Audio NATURAL
Location GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA
Script Source Reuters
Video Source SOCIAL MEDIA WEBSITE
Usage Terms NONE

Body

REUTERS IS UNABLE TO INDEPENDENTLY VERIFY THE CONTENT OF THIS VIDEO, WHICH HAS BEEN OBTAINED FROM A SOCIAL MEDIA WEBSITE

PLEASE NOTE: EDIT CONTAINS CONVERTED 4:3 MATERIAL

Video posted to a social media website shows cars belonging to the United Nations (UN) ceasefire mission in Syria leaving Khan Sheikhoun as Syrian rebels help six monitors leave the area after they were caught up in an attack that killed at least 21 people.

EDITORS NOTE: SENDING FULL SCRIPT

SHOWS:

GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA (UPLOADED MAY 15, 2012) (ORIGINALLY 4:3) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

1. VIDEO SHOWS MEN IN UNIFORM DESCRIBED IN VIDEO AS FORCES LOYAL TO SYRIAN PRESIDENT BASHAR AL-ASSAD OPENING FIRE ON CROWD OF PEOPLE / VOICE OF MAN SPEAKING IN ARABIC, SAYING: "WHY ARE YOU SHOOTING US, WHY?" / AUDIO OF GUNFIRE / CROWD RUNNING
 GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA (UPLOADED MAY 16, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

2. CONVOY OF UNITED NATIONS (UN) MONITORS LEAVING KHAN SHEIKHOUN AFTER BEING CAUGHT UP IN GUNFIRE DAY BEFORE

GIVEN AS DERRAA, SYRIA (UPLOADED MAY 16, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

3. UN MONITORS WITH MEMBERS OF THE FREE SYRIAN ARMY (FSA) ON ROOFTOP OF BUILDING IN AL-HERAK CITY NEAR DERRAA / VOICE OF NARRATOR SAYING FSA IS SHOWING MONITORS POSITIONS OF SYRIAN ARMY TANKS THAT HAVE BEEN SHELLING CITY" / CLOSE ON ARMoured VEHICLES APPARENTLY BELONGING TO SYRIAN ARMY

GIVEN AS HOMS, SYRIA (UPLOADED MAY 16, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

4. CAR ON FIRE ON CAIRO STREET IN AL-BAYYADA DISTRICT / SMOKE BILLOWING FROM BUILDINGS / AUDIO OF GUNFIRE

STORY: Syrian rebels on Wednesday (May 16) delivered six United Nations (UN) ceasefire monitors who had been caught up in an attack that killed at least 21 to their UN colleagues, a rebel source said. Video posted to a social media website showed a number of cars with the UN logo, including one damaged vehicle on the back of a truck, leaving the area.

Another video showed men dressed in what appeared to be military uniforms -- described in the video as forces loyal to Syrian President Bashar al-Assad -- open fire on a crowd. One man was heard shouting: "Why are you shooting us, why?"

The clip is purported to have been videoed in Khan Sheikhoun on Tuesday (May 15). An explosion in the same area damaged a vehicle belonging to the UN monitoring mission.

Reuters cannot independently verify the content of these video segments. The Syrian authorities have restricted access to independent media, making some reports hard to verify.

The observers, who had been with rebels in the town since the previous day, were reported to have departed Khan Sheikhoun in a UN vehicle that came from Damascus to retrieve them, a rebel source said.

<http://reuterswnemain.euronews.lan/reuters/storypopup?versionedid=tag:reuters.com,...> 17/05/2012

Slug SYRIA-KHAN SHEIKHOUN/SHOOTING
Headline Syrian attack in northern town kills at least 21 - activists.
Item ID 2304WD
Service World
Video File 201205152304WD-SYRIA-KHAN_SHEIKHOUN_SHOOTING.mpg
Script File 201205152304WD-SYRIA-KHAN_SHEIKHOUN_SHOOTING.xml
Arrived 2012-05-15 22:58:55
Revision 2
Sensitive None
Duration 02:14 (134s)
Audio NATURAL / ARABIC
Location GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA
Script Source Reuters
Video Source SOCIAL MEDIA WEBSITE
Usage Terms NONE

Body

REUTERS IS UNABLE TO INDEPENDENTLY VERIFY THE CONTENT OF THIS VIDEO, WHICH HAS BEEN OBTAINED FROM A SOCIAL MEDIA WEBSITE
 RESENDING WITH FULL SCRIPT

Amateur video uploaded to a social media website purports to show people being gunned down in the northern Syrian town of Khan Sheikhoun. Activists say at least 21 were killed in the attack, as a team of U.N. monitors toured the town.

SHOWS: GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA (PURPORTED TO BE MAY 15, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

1. PEOPLE ON STREET, AUDIO OF GUNFIRE, PEOPLE RUNNING
2. CAMERA OPERATOR, AND OTHERS, TAKE COVER BEHIND A WALL
3. VIEW OF STREET, PEOPLE TAKING COVER ON FAR SIDE OF STREET, MOTORCYCLE LYING ON ITS SIDE
4. VIEW OF BODIES LYING IN STREET

5. AUDIO OF GUNFIRE, SHOES STREWN ACROSS STREET
 GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA (PURPORTED TO BE MAY 15, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

6. ARMED MAN, IDENTIFYING HIMSELF AS MEMBER OF FREE SYRIAN ARMY, ADDRESSING CAMERA AS TANK BURNS IN BACKGROUND

7. (SOUNDBITE) (Arabic) MEMBER OF FREE SYRIAN ARMY SAYING;

"I'm Lieutenant Ala'a Tounei, the head of Waleed al-Nisr Martyrs Brigade in Khan Sheikhoun, on May 15 and during the visit of the international monitors to Khan Sheikhoun town, security forces and Shabiha opened fire on the funeral procession of one of our martyrs, and we destroyed one of the regime tanks, a T-72."

STORY: At least 21 people were killed on Tuesday (May 15) in an attack in northern Syria, activists said, and members of a team of U.N. monitors caught in the battle said they were left in rebel hands.

Reuters asked one of the four monitors by phone if they were being held prisoner. He did not reply. Another said: "We are safe with the (rebel) Free Army."

A spokesman for the rebel military council said the rebels were working on a safe exit for them.

Insurgents and pro-government media blamed on each other for the attack in Khan Sheikhoun in northern Idlib province.

The monitor told Reuters gunfire had erupted as a seven-man U.N. team toured Khan Sheikhoun, then a blast damaged one of the group's vehicles.

Other rebel and opposition sources put the death toll from the attack as high as 66.

Pro-government Addounia TV said "gunmen" had opened fire on the monitors, without reference to casualties.

Internet footage appeared to show bodies littering a street in Khan Sheikhoun following heavy gunfire.

In another clip, a rebel fighter spoke in front of a burning vehicle: "I'm Lieutenant Ala'a Tounei, the head of Waleed al-Nisr Martyrs Brigade in Khan Sheikhoun, on May 15 and during the visit of the international monitors to Khan Sheikhoun town, security forces and Shabiha opened fire on the funeral

procession of one of our martyrs, and we destroyed one of the regime tanks, a T-72."

Reuters cannot independently verify the content of the material, which was uploaded on a social media website.

In Damascus Major General Robert Mood, the head of the U.N. monitoring mission, told reporters the team was safe, without elaborating.

A UK-based opposition group, the Syrian Observatory for Human Rights, said President Bashar al-Assad's forces had opened fire on a funeral procession in the town, about 220 km (140 miles) north of Damascus.

The group said a total of 46 people had been killed by government forces across the country. There was no independent confirmation of any of the claims and counter-claims from Syria, which has limited journalists' access during its uprising.

Script Copyright Notice: (c) Copyright Thomson Reuters 2012. Open For Restrictions - <http://about.reuters.com/fulllegal.asp>

Video Copyright Notice: (c) Copyright Thomson Reuters 2012. Open For Restrictions - <http://about.reuters.com/fulllegal.asp>

Slug SYRIA-MONITORS EXPLOSION
Headline UN car damaged in Syria blast.
Item ID 2243WD
Service World
Video File 201205152243WD-SYRIA-MONITORS_EXPLOSION.mpg
Script File 201205152243WD-SYRIA-MONITORS_EXPLOSION.xml
Arrived 2012-05-15 17:38:30
Revision 2
Sensitive None
Duration 01:10 (70s)
Audio NATURAL
Location GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA
Script Source Reuters
Video Source SOCIAL MEDIA WEBSITE
Usage Terms NONE

Body

REUTERS IS UNABLE TO INDEPENDENTLY VERIFY THE CONTENT OF THIS VIDEO, WHICH HAS BEEN OBTAINED FROM A SOCIAL MEDIA WEBSITE CONTAINS VIDEO CONVERTED FROM 4:3 RESENDING WITH FULL SCRIPT

A U.N. observers car in Syria is damaged by an explosion. Video posted to a social media website purports to show the incident.

SHOWS: GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA (CONVERTED FROM 4:3) (PURPORTED TO BE MAY 15, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)

1. PEOPLE GATHERED ROUND A CONVOY OF THREE U.N. VEHICLES
 2. EXPLOSION (OFF CAMERA) HITS THE FIRST VEHICLE IN THE CONVOY/ PEOPLE RUNNING AWAY SHOUTING
 3. U.N. VEHICLES DRIVING AWAY
- GIVEN AS KHAN SHEIKHOUN, SYRIA (PURPORTED TO BE MAY 15, 2012) (SOCIAL MEDIA WEBSITE - ACCESS ALL)
4. DAMAGE TO THE FRONT OF U.N. VEHICLE
 5. MEN CROWDED ROUND EXAMINING VEHICLE

STORY: A car belonging to U.N. monitors was damaged by an explosion while they toured the central Syrian town of Khan Sheikhoun on Tuesday (May 15) but none of the monitors was hurt, a member of the observer team said.

"We went to observe and after a while shooting occurred," he told Reuters by telephone, adding that the shooting was followed by the blast which damaged the car. The seven-strong team had lost their vehicles and were trying to organise a safe return to their base, he said without giving details. Another monitor and a member of the Free Syrian Army (FSA) said they were with FSA rebels.

Internet footage which activists said was filed in Khan Sheikhoun on Tuesday showed a white car of the type used by U.N. monitors, with damage to its front which could have been caused by a blast or a collision.

"We are safe with the Free Army and we are waiting for a (U.N.) group to pick us up," the second monitor said.

Script Copyright Notice: (c) Copyright Thomson Reuters 2012. Open For Restrictions - <http://about.reuters.com/fulllegal.asp>

Video Copyright Notice: (c) Copyright Thomson Reuters 2012. Open For Restrictions - <http://about.reuters.com/fulllegal.asp>

Anexo VIII

SYRIA: REBELS

EUROVISION News Exchanges SECTION



EI

SY rebels executing 10:13-10:16 GMT 12-AUG-2012 EVN

Date Shot: 11-AUG-2012
Location: AL BAB, ALEPPO
Country: SYRIAN ARAB REPUBLIC
Sound: NATURAL Language:
Aspect ratio: 16:9

Source: ZZDIV
Restrictions: **Warning: this item contains graphic material**

READ !!!

-This material has been obtained through social media, and Eurovision has taken steps to determine its authenticity and editorial integrity, including a validation process by a specialist agency. The result of this process indicates that this item is most likely credible. Please note that despite this process, the nature of social media makes it impossible to unconditionally guarantee its authenticity

Dopesheet: A video circulating purports to show activists throwing the bodies of regime figures off the roof of a building in the Aleppo town of Al Bab, amid a crowd of shouting onlookers.

Storyful note: The video, the earliest version of several copies that we've been able to identify, was uploaded to an account based in Lebanon, on which this is the only upload. A twitter search for the video shows a large amount of commentary drawing attention to the video as showing the worst side of what the rebels are capable of. The building is alleged to be the town's post office.

Al Bab is to the north-east of Aleppo, which has seen some of the most intense violence in the past month.

Shotlist:
Keyframe:

<input checked="" type="checkbox"/>	10:13:42
<input checked="" type="checkbox"/>	10:14:10
<input checked="" type="checkbox"/>	10:14:28
<input checked="" type="checkbox"/>	10:14:42
<input checked="" type="checkbox"/>	10:15:00
<input checked="" type="checkbox"/>	10:15:18
<input checked="" type="checkbox"/>	10:15:38
<input checked="" type="checkbox"/>	10:16:02

Id Item: 627292
Tx_Time: 10:13 - 10:16 Tx_Date: 12-AUG-2012 Status: TRS
Origin: ZZEBU Origin City: GNVE
Item type: EVN

<http://popebu.euronews.lan/ITM/ITM627292.htm>

12/08/2012

Anexo IX

NOTÍCIAS

Novas imagens de execuções sumárias na Síria

12/08 15:03 CET

É o segundo vídeo de execuções sumárias de rebeldes sírios em menos de uma semana. Estas imagens terão sido captadas na cidade de Aleppo onde supostos elementos do regime parecem ser atirados de edifícios.

Não foi possível confirmar a autenticidade do vídeo, mas os analistas acreditam que estas ações têm a marca de jihadistas que se infiltraram na Síria. Ao certo ninguém sabe quem integra a oposição a Assad. Os homens que tentam derrubar o regime sírio são rotulados com um grupo homogêneo, mas a semelhança do que aconteceu noutros conflitos, também, aqui cada grupo representa diferentes interesses.

Na tentativa de clarificar esta situação, a Secretária de estado norte-americana já perguntou como estão, afinal, organizados estes homens e para quem deve ser encaminhada a ajuda, numa altura em que os combates no terreno se intensificam.

Os esforços diplomáticos continuam sem surtir efeito. A Liga árabe adiou, entretanto, a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros para discutir a situação na Síria e escolher o sucessor para Kofi Annan, enviado especial da ONU e da Liga Árabe.

Mais informação sobre [Bashar al-Assad](#), [Guerra civil, Síria](#), [Vítima](#)

Copyright © 2012 euronews

Anexo X

«Jornalismo de Secretária»

Queria pedir a sua colaboração na resposta a este questionário confidencial, efectuado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação que estou a realizar na Universidade do Minho. Agradeço desde já a sua disponibilidade.

Questionário

1. Sexo:

- Masculino Feminino

2. Idade: _____

3. Nacionalidade: _____

4. Habilitações literárias:

- Ensino Secundário
- Bacharelato em _____
- Licenciatura em _____
- Mestrado em _____
- Doutoramento em _____
- Outras: _____

5. Trabalha em

- Rádio
- Televisão

Jornal/ revista

Multimédia

6. Quando elabora notícias, sem sair da redacção, quais são as fontes que utiliza? Assinale uma ou mais opções.

Jornais/ revistas

Rádio

Internet

Canais de televisão

Agências noticiosas

Press releases

Telefone

Guiões ou notícias redigidos por colegas do mesmo órgão

Outras. Quais? _____

7. Costuma confirmar as informações obtidas através das fontes que assinalou na resposta anterior?

Não Sim

8. Caso não costume confirmar, indique as razões por que não o faz. Assinale uma ou mais opções.

Falta de tempo

A política editorial da empresa não o exige

As fontes utilizadas são fiáveis

Outras: _____

9. Se usa a Internet como fonte, quais os sítios que costuma consultar?

10. Utiliza as redes sociais como fonte?

Não

Sim. Quais? _____

11. Caso tenha respondido que sim na questão anterior, dê dois exemplos de notícias em que tenha usado como fonte as redes sociais?

12. Quais as principais dificuldades que encontra ao ter que elaborar notícias sem sair da redacção, sem estar no terreno?

13. Considera que se pode designar como jornalismo a elaboração de notícias com base em informações obtidas através de agências noticiosas, outros meios de comunicação social, gabinetes de comunicação e/ou Internet, sem que estas sejam confirmadas?

Não Sim

14. Fundamente a resposta à pergunta anterior, apresentando argumentos que sustentem a sua posição.

Obrigada pela sua colaboração.

Desk Journalism

I would like to ask for your help in responding to this confidential questionnaire, which is part of the research that I'm doing for my Master's in Communication Sciences at the University of Minho (Portugal). Thank you in advance for your time and cooperation.

Questionnaire

1. Gender:

- Male Female

2. Age: _____

3. Nationality: _____

4. Qualifications:

- Secondary education
- Bachelor's in _____
- Master's in _____
- PhD in _____
- Other: _____

5. Working in

- Radio
- TV
- Newspapers/ magazines
- Multimedia

6. What kind of sources do you use when you write news stories without leaving the newsroom, without being in the field? Choose one or more options.

- Newspapers/ magazines
- Radio
- Internet
- TV channels
- News agencies
- Press releases
- Phone
- Scripts or news written by colleagues from the same company
- Others. Which? _____

7. Do you usually confirm the information you get from the sources that you have mentioned in the previous answer?

- No
- Yes

8. If your answer has been “no”, indicate the reasons why you don’t confirm. Choose one or more options.

- Lack of time
- The editorial policy doesn’t require
- The sources I use are reliable
- Other: _____

9. If you use the Internet as a source, which sites do you normally search?

10. Do you use social media as a source?

No

Yes. Which? _____

11. If you have answered “yes” in the previous question, give two examples of news stories in which you have used social media as sources?

12. What are the main difficulties you feel when you write news without leaving the newsroom, without being in the field?

13. Do you think that it can be considered journalism when you write news based on information taken from news agencies, other media, communications office and/or Internet, without confirming it?

No Yes

14. Justify your answer to the previous question, presenting arguments to sustain your opinion.

Thanks for your assistance.

Anexo XI

«Jornalismo de Secretária»

Queria pedir a sua colaboração na resposta a este questionário confidencial, efectuado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação que estou a realizar na Universidade do Minho. Agradeço desde já a sua disponibilidade.

Questionário

1. Sexo:

- Masculino Feminino

2. Idade: _____

3. Nacionalidade: _____

4. Habilitações literárias:

- Ensino Secundário
 Bacharelato em _____
 Licenciatura em _____
 Mestrado em _____
 Doutoramento em _____
 Outras: _____

5. Trabalha em

- Rádio
 Televisão
 Jornal/ revista
 Multimédia

6. Quando elabora notícias, sem sair da redacção, quais são as fontes que utiliza? Assinale uma ou mais opções.

- Jornais/ revistas
 Rádio

- Internet
- Canais de televisão
- Agências noticiosas
- Press releases*
- Telefone
- Guiões ou notícias redigidos por colegas do mesmo órgão
- Outras. Quais? _____

7. Costuma confirmar as informações obtidas através das fontes que assinalou na resposta anterior?

- Não Sim

8. Caso não costume confirmar, indique as razões por que não o faz. Assinale uma ou mais opções.

- Falta de tempo
- A política editorial da empresa não o exige
- As fontes utilizadas são fiáveis
- Outras: _____

9. Se tem por hábito confirmar as informações, explique de que maneira o faz.

10. Se usa a Internet como fonte, quais os sítios que costuma consultar?

11. Utiliza as redes sociais como fonte?

Não

Sim. Quais? _____

12. Caso tenha respondido que sim na questão anterior, dê dois exemplos de notícias em que tenha usado como fonte as redes sociais?

13. Quais as principais dificuldades que encontra ao ter que elaborar notícias sem sair da redacção, sem estar no terreno?

14. Considera que se pode designar como jornalismo a elaboração de notícias com base em informações obtidas através de agências noticiosas, outros meios de comunicação social, gabinetes de comunicação e/ou Internet, sem que estas sejam confirmadas?

Não Sim

15. Fundamente a resposta à pergunta anterior, apresentando argumentos que sustentem a sua posição.

Obrigada pela sua colaboração.

Desk Journalism

I would like to ask for your help in responding to this confidential questionnaire, which is part of the research that I'm doing for my Master's in Communication Sciences at the University of Minho (Portugal). Thank you in advance for your time and cooperation.

Questionnaire

1. Gender:

- Male Female

2. Age: _____

3. Nationality: _____

4. Qualifications:

- Secondary education
- Bachelor's in _____
- Master's in _____
- PhD in _____
- Other: _____

5. Working in

- Radio
- TV
- Newspapers/ magazines
- Multimedia

6. What kind of sources do you use when you write news stories without leaving the newsroom, without being in the field? Choose one or more options.

- Newspapers/ magazines
- Radio

- Internet
- TV channels
- News agencies
- Press releases
- Phone
- Scripts or news written by colleagues from the same company
- Others. Which? _____

7. Do you usually confirm the information you get from the sources that you have mentioned in the previous answer?

- No
- Yes

8. If your answer has been “no”, indicate the reasons why you don’t confirm. Choose one or more options.

- Lack of time
- The editorial policy doesn’t require
- The sources I use are reliable
- Other: _____

9. If your answer has been “yes”, explain how do you confirm the information.

10. If you use the Internet as a source, which sites do you normally search?

11. Do you use social media as a source?

No

Yes. Which? _____

12. If you have answered “yes” in the previous question, give two examples of news stories in which you have used social media as sources?

13. What are the main difficulties you feel when you write news without leaving the newsroom, without being in the field?

14. Do you think that it can be considered journalism when you write news based on information taken from news agencies, other media, communications office and/or Internet, without confirming it?

No Yes

15. Justify your answer to the previous question, presenting arguments to sustain your opinion.

Thanks for your assistance.

